

KELLEN CRISTINA MARÇAL DE CASTRO

**CINEMA: MUDANÇAS DE HÁBITO E SOCIABILIDADE
NO ESPAÇO URBANO DE UBERLÂNDIA –1980 A 2000**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA – MG
2008**

KELLEN CRISTINA MARÇAL DE CASTRO

**CINEMA: MUDANÇAS DE HÁBITO E SOCIABILIDADE NO ESPAÇO
URBANO DE UBERLÂNDIA –1980 A 2000**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE UBERLÂNDIA, COMO REQUISITO
PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM HISTÓRIA.

ORIENTADOR: PROF. DR. ALCIDES
FREIRE RAMOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA – MG
2008**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C355c Castro, Kellen Cristina Marçal de, 1981-
Cinema: mudanças de hábito e sociabilidade no espaço urbano
de Uberlândia – 1980 a 2000 / Kellen Cristina Marçal de Castro.
2008.
145 f. : il.

Orientador : Alcides Freire Ramos.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História social – Teses. 2. Uberlândia (MG) - História - Teses.
3. Cinema e história - Uberlândia (MG) - Teses. I. Ramos, Alcides Freire.
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação
em História. III. Título.

CDU: 930.2:316

KELLEN CRISTINA MARÇAL DE CASTRO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcides Freire Ramos – Orientador
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof.^a Dr.^a Rosangela Patriota Ramos
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dr. João Pinto Furtado
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Muitos são merecedores dessa dedicatória, desta forma, Claedir, Pedro, Marcelo e Eliane estiveram ao meu lado durante toda esta jornada, compartilharam as angústias e as alegrias. Amo todos. Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e pela oportunidade.

A minha família querida, Claedir, Pedro e Marcelo, que estiveram ao meu lado em toda a minha caminhada, incentivando e dedicando amor e compreensão.

Ao meu marido, pela paciência e compreensão ao longo desses anos, que por muitas horas, soube ouvir minhas aflições e angústias.

A minha amiga-irmã Eliane, que me estendeu a mão quando eu mais precisava com apoio incondicional, dedicação e carinho sem os quais não seria possível a realização deste sonho. Dedicando-me tempo e disponibilidade as discussões e leituras.

Aos meus amigos e colegas, pela paciência durante esta trajetória.

Ao meu orientador, Alcides, pela orientação e ensinamentos durante toda a trajetória, obrigada pela dedicação.

À Talita pela paciência em formatar e adequar este trabalho às normas técnicas. Obrigada pelo empenho e pela disposição.

À Jaciele pela dedicação em me ajudar e por sua presteza nesse momento de tanto trabalho.

Aos professores e funcionários do Instituto de História que colaboraram para a minha formação pessoal e intelectual.

Aos funcionários do Arquivo Público Municipal, pelas valiosas contribuições.

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente, a este trabalho, muito obrigada.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
ÍNDICE DE FOTOS	viii
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I	
Cidade, transformações, imagens: construções sociais	15
1.1 “O progresso muda a fisionomia de uma cidade”	18
1.2 “Uberlândia: a província e a metrópole numa mesma cidade”	30
1.3 “Porque somos uma cidade admirável”	38
CAPÍTULO II	
Cinema e as mudanças no espaço social urbano	50
2.1 Um ritual que se perde	53
2.2 Cine Regente	67
2.3 Cine Bristol	73
2.4 Cine Windsor	78
2.5 Cine Comodoro	82
2.6 Cine It	85
2.7 A reorganização de um hábito social consagrado	88
CAPÍTULO III	
Shopping-Center: o consumo do hábito de ir ao cinema	99
3.1 Salas de cinema: a resignificação de um espaço	103
3.2 Shopping Center e suas imbricações sociais	105
3.2.1 Shopping Center no Brasil	110
3.3 Center Shopping: no coração de Uberlândia	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136
ANEXOS	143

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre o processo de construção de sociabilidades vinculado às transformações urbanas da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, no período compreendido entre 1980 e 2000. A reorganização espacial urbana possibilita novas formas de sociabilidades, experiências e práticas sociais que se inter-relacionam com a formação de novos referenciais em que rupturas e permanências se confrontam.

Inserido nesse processo, o ato de ir ao cinema também experimentou mudanças significativas no período abordado. Essas mudanças não foram simples decorrência das inovações tecnológicas particularmente aceleradas nas últimas décadas do século passado. Não se trata de desconsiderar a relevância desse aspecto, no entanto é ao incorporá-lo numa teia de transformações que se percebe o hábito de ir ao cinema como uma prática social. É neste sentido que a discussão sobre o espaço que compreende as salas de cinema em Uberlândia ganha a dimensão de lócus significativo de construção de sociabilidades. As atividades de interação social na cidade não se restringiam, exclusivamente, às salas de cinema. Bares, restaurantes, clubes, igrejas, praças, dentre outros locais, também se configuravam, e ainda se configuram, como espaços de construção de sociabilidades. Privilegiar e problematizar a construção de sociabilidades relacionada com o ato de ir ao cinema deve-se à destruição de um espaço outrora consagrado e à construção e ao deslocamento para um novo local pautado por referenciais calcados em padrões considerados modernos.

Dessa forma, é perceptível o processo que compreende a falência das grandiosas salas centrais, a convivência com as salas no interior do shopping-center e que culmina na extinção das primeiras em detrimento da ampliação das segundas, configurando esse espaço não só como local de convivência como também ponto de referência para os cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade – Salas de Cinema – Sociabilidades – Shopping-center – História

ABSTRACT

This study intend to reflect about the sociabilities's construction linked in the urban's transformations of Uberlândia's city in the Minas Gerais state, in the 1980 and 2000 period.

The space reorganization become possible new forms of sociabilities, experiences and social practices that are connected with the formation of new references wich breaks and permanences are confronted.

In this process, the action of going to the cinema also had significant chances in the same period. This changes was not only because the tecnology's inovation, particularly accelerated in the last decades of last century. It is not about to reduce the relevance of this aspect, however is when incorporated in a set of transformations that are perceived the habit of going to the cinema as a social practice. In this meaning that the discussion about the space of the cinema's room in Uberlândia gain dimension in the significant lócus of sociabilities's construction. The activities of social interaction in the city didn't restrict, exclusivement, the cinema's room. Bars, restaurants, clubs, churches, squares. And others, also were and are related as the construction's sociabilities's space. Privilege and to become a problem the sociabilities's construction related to the action of going to the cinema are caused by the destruction of a space established and the construction and the deslocation for a new local according to considered modern standards.

According to the study, is perceived the bankruptcy process of the large central rooms, the interaction with the rooms in the shopping-center that end up with the extinction of the firsts by the enlargement of the seconds. This space become not only a place where people live together but as a reference point to the citizens.

KEYWORDS: City – Cinema Rooms – Sociabilities – Shopping-center - History

ÍNDICE DE FOTOS

Figura1	Vista aérea da cidade de Uberlândia	17
Figura2	Mapa do Brasil localizando Uberlândia	25
Figura3	Mapa da rota de São Paulo-Uberlândia-Brasília	26
Figura4	Ilustração: Uberlândia retrata seu progresso	29
Figura5	Charge da metrópole e da província	30
Figura6	Ilustração da reportagem “Porque somos uma cidade admirável”	38
Figura7	Mapa das rotas das BRs que cortam a cidade de Uberlândia	43
Figura8	Vista aérea da Av. Rondon Pacheco	47
Figura9	Vista aérea do cruzamento das av. João Naves de Ávila e Anselmo Alves dos Santos ..	47
Figura10	Mapa da cidade que demonstra a nova centralidade em relação ao centro antigo	49
Figura11	Fachada do Cine Theatro São Pedro, em 1909	57
Figura12	Fachada do Cine Theatro Uberlândia, em 1937	63
Figura13	Foto da sala de espera do Cine Theatro Uberlândia	63
Figura14	Fachada do Cine Regente na década de 1950	67
Figura15	Reprodução da fachada do Cine Regente	70
Figura16	Reprodução da fachada do Cine Regente modificada pela fé	70
Figura17	À esquerda, os restos do prédio quando se encontrava fechado em 2004	72
Figura18	Fachada do Cine Bristol em 1990	74
Figura19	A multidão na bilheteria do Cine Bristol	75
Figura20	Fachada do Bingo Bristol em 2006	77
Figura21	Escombros do Cine Bristol em 2007	77
Figura22	Fachada do Cine Windsor em 1996	81
Figura23	Fachada do prédio do antigo Cine Windsor em 2004	81
Figura24	A manchete do jornal estampada a imagem do gerente da sala do Cine Comodoro	83
Figura25	A programação diária dos cinemas no jornal demonstra o gênero do Cine Comodoro ..	84
Figura26	Fachada do Cine It e o desmanche da sala	86
Figura27	Fachada atual do Cine It	87
Figura28	Reportagem do jornal “Salas tinham nomes significativos”	91
Figura29	Reportagem “Última sessão: por que o centro está perdendo tantas salas”	96
Figura30	Reportagem: “O cinema transforma-se em templo religioso”	97
Figura31	Reportagem: “Eram cinemas – hoje fotos nas paredes”	97
Figura32	Reportagem: “Cinemas? Não: supermercados, sapatarias, bancos	98
Figura33	Vista panorâmica do Center Shopping	115
Figura34	Center Shopping no ano de sua inauguração	118
Figura35	Vista do Center Shopping e a reforma de 1999	118
Figura36	Complexo do Center Shopping	119
Figura37	Interior do Center Shopping	119
Figura38	Fachada do Ubershopping	124
Figura39	Entrada das salas de cinema e da bilheteria do Center Shopping	132

INTRODUÇÃO

Elaborar um trabalho historiográfico remete a questões anteriores que interferem na escolha do tema e de sua abordagem. Essa perspectiva é permeada pela concepção de vida do historiador. Qualquer tema, assim, se constitui, a partir do olhar específico de quem o constrói. Esse olhar percebe aquilo que, de certa forma, lhe seja familiar, que cause desconforto ou que chame a atenção. A escolha de um tema não pode ser aleatória nem arbitrária. Desprovida de um significado maior, dificulta sua elaboração. O historiador deve partir de questões que sejam viabilizadas pelo seu referencial de vida. O olhar é particular e significativo, no entanto a trama na qual o tema está inserido é social.

Segundo Marc Bloch,¹ ao historiador cabe perceber os homens em seu tempo, não os deslocando de seus referenciais. A ele cabe, também, compreender e não julgar. É essa perspectiva que orienta este trabalho. Desta forma, problematizar a construção de novas sociabilidades pautadas por novos referenciais não é um fato que se justifique por si só. Sua inteligibilidade é dada pelas relações estabelecidas e pela percepção de quem a constrói como problema. Assim sendo, as mudanças no ato de ir ao cinema estão vinculadas à percepção de quem é contemporâneo a esse processo. Problematizar as permanências e as rupturas requer pensar sobre os aspectos que possibilitaram essas mudanças.

Assim, pensar sobre o contínuo (re)elaborar de práticas sociais e sociabilidades é problematizar as circunstâncias sob as quais esse processo se dá. Sem imbricação às suas condições de produção, perde-se o sentido que o orienta e o modo como foram construídas. Quando se discutem essas questões, abre-se uma gama de possibilidades.

Dentre essas, a que particularmente me desperta interesse é a sociabilidade presente no ato de ir ao cinema e sua constante resignificação na sociedade.² Como lazer, o ato de ir ao cinema é apropriado a partir de novos significados inseridos em uma

¹ BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou o ofício do historiador. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

² Não se trata de considerar o ato de ir ao cinema como modo exclusivo de construção de sociabilidades. A convivência em outros espaços: bares, restaurantes, clubes, igrejas, agremiações, praças, boates, como locais de interação social também são de grande interesse. No entanto, apesar de relevante, este trabalho centra-se na construção de sociabilidades em um espaço que foi reestruturado de maneira significativa nesta cidade.

estrutura social, econômica, política e cultural, proporcionando um ato prazeroso, cujas experiências sociais, compartilhadas naquele espaço, tornam-se significativas.

Nos tempos atuais, ir ao cinema implica ir a um espaço cuja estrutura fornece conforto, segurança e praticidade. Implica, também, permanecer por um determinado tempo diante das diversas opções de filmes e horários. Este tempo é suficiente para a escolha e a compra do ingresso na bilheteria. Após a escolha, a passagem pela lanchonete torna-se quase obrigatória. Adentrar as salas escuras procurando o aconchego das poltronas, marca o íterim para o início da sessão. O burburinho, proporcionado no início e ao final das sessões, dá o tom nos corredores do cinema. Marca, assim, um processo de mudança considerável frente ao antigo hábito de ir ao cinema.

Anteriormente à existência de shopping centers, o ato de ir ao cinema era compreendido como um acontecimento social. Pomposo e glamuroso, ostentava-se um ritual peculiar ao freqüentar das salas de cinema – conhecidas como palácios cinematográficos. A prática do *footing*, antes e depois das sessões, propiciava olhares, flertes e namoros. O ato de andar a esmo, pela praça central e pelas suas ruas limítrofes, impulsionava as relações entre as pessoas. O *footing* estendia-se ainda pelo *hall* de entrada.

Em torno da *bombonière*, moças e rapazes aproveitavam o momento de proximidade, normalmente, dificultado pelos familiares – particularmente pelo olhar paterno. Mas, às vezes, os moços rompiam o cerco formado em torno das meninas, adoçando-as com balas e caramelos, gentilmente oferecidos. A aura presente nesses espaços estendia-se da porta da bilheteria até o escurinho das salas. O projetista, ao colocar o rolo de filme na máquina, interrompia dramaticamente o escuro da sala. O escuro que acoberta as manifestações de carinho só era interrompido pela luz do atento lanterninha. O requinte das salas, estampado por metros e metros de veludo, impunha um comportamento condizente a seu espaço. A permanência nas salas de cinema respaldava uma sociabilidade que fazia sentido naquele tempo e naquele espaço.

Distante de qualquer perspectiva nostálgica, essa percepção de mudança na sociabilidade do e no ato de ir ao cinema não se restringe a banalidades e atos corriqueiros. Sua importância se dá à medida que está inserido numa rede de experiências, cujos referenciais são construídos historicamente. A conjuntura na qual está imerso esse processo é peculiar a um momento e a um lugar específicos. No entanto, há de se ressaltar que não se constituem processos isolados e ímpares.

Entrelaçado em um panorama mais amplo, constrói-se dentro das possibilidades inerentes a seu local de produção.

Refletir sobre as sociabilidades envoltas no ato de ir ao cinema em Uberlândia não é limitar-se às fronteiras físicas e simbólicas da cidade. É compreender esse processo mediado pelas soluções praticadas nesse espaço e como são reelaboradas. No tocante ao tema central deste trabalho, as sociabilidades exercidas em torno do ato de ir ao cinema, requer ponderar quando e como se deram. Ao perceber as mudanças significativas do hábito de ir ao cinema, constituídas e referenciadas em um novo espaço, dado ao deslocamento físico, simbólico e cultural para o interior do shopping center e a falência da prática anterior, implica retroceder, estabelecendo um recorte temporal que permita sua compreensão.

Nesse sentido, percorrer o período de 1980 a 2000 possibilita compreender a construção dessas sociabilidades, suas permanências, suas rupturas e as estratégias empregadas em prol de seu sucesso. Essa demarcação temporal não é arbitrária. É nesse período que o processo de elaboração de sociabilidades em torno do ato de ir ao cinema, na cidade de Uberlândia, é mais pungente. A década de 1990 é marcada pelo fechamento paulatino das salas de cinema do centro da cidade. No entanto, para apreender as circunstâncias que levaram a cabo tal situação, foi necessário retroceder à década de 1980. Nesse período de intensas transformações sociais, econômicas e culturais, as práticas exercidas sofreram semelhante impacto.

Estabelecido o problema, como dialogar com o que está ausente? O historiador, no intuito de exercitar o seu ofício, não o faz somente de acordo com a sua percepção. O diálogo com as fontes possibilita dimensionar o problema proposto. Lançar mão das fontes, dialogar com elas, não pode significar tornar-se refém delas. É na mediação entre essas e os referenciais do historiador, de vida e teórico-metodológico, que a pauta da discussão se constrói. Em última instância, a delimitação ou o recorte é da alçada do historiador.

Diante do tema proposto e tendo à frente diversos percursos a serem percorridos, há de se fazer uma escolha que melhor o abarque. A partir das questões que me propus, uma fonte que demonstrou grande vigor e riqueza de informações foi a imprensa. Considerada como um instrumento valioso de análise da história, Capelato,³ em seu estudo sobre a imprensa e seu diálogo com a história, chama a atenção para o

³ CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto / EDUSP, 1988.

seu uso, comparando-a a um manancial fértil. Para a autora, “[...] a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através do tempo”⁴ uma vez que ela “registra, comenta e participa da história”. O papel da imprensa como fonte já experimentou diversas possibilidades. Já foi tanto considerada quanto desconsiderada pela historiografia. Para Capelato, a relação entre a imprensa e a história é complexa, mas, ao mesmo tempo, profícua. O que, em outros tempos, já foi descaracterizado e descartado como documento, assume uma nova roupagem e já se encontra incorporado ao arsenal do historiador. A dificuldade em se trabalhar e lidar com a imprensa como documento histórico rendeu debates que levantaram interessantes questões. Hoje, os historiadores se propõem a dialogar e encaram-na como fonte.

[...] A historiografia mais recente tem refletido muito sobre o significado do documento e foi a partir de redefinições nesse campo que as “suspeitas” contra a imprensa desapareceram.

Convém explicar ao leitor como ocorreu essa mudança de postura. Ela é fruto, sobretudo, de um esforço para se repensar problemas, abordagens e objetos da história.

As concepções tradicionais são questionadas, dentre elas a que define a história como ciência do passado. O passado é, sem dúvida, o objeto do historiador, mas hoje se admite que esse objeto é construído e reconstruído tendo em vista as necessidades e perspectivas do presente. Nas leituras e releituras do passado, há constantes perdas e ressurreições[...] A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos[...].⁵

Ainda segundo Capelato é com essa nova postura que o historiador busca as transformações vivenciadas pelos homens em seu tempo. Para isso, a imprensa apresenta-se como fonte vigorosa e extremamente fértil neste sentido. Cabe ao historiador interrogar sua fonte, uma vez que a imprensa abarca um leque de possibilidades muito grande. Por outro lado, é preciso estabelecer com qual ramo da imprensa se vai trabalhar. “O termo *imprensa* não se reduz ao jornal; abrange revistas, almanaques e folhetos”.⁶ Desta forma, priorizar e delimitar qual venha a ser sua fonte torna-se fundamental.

Decorrente dessa escolha, restava mapear as publicações disponíveis. Após uma pesquisa no Arquivo Público Municipal de Uberlândia, o levantamento do material existente permitiu uma seleção mais criteriosa. Destarte, a publicação que melhor recobre o período abordado, dada sua contínua periodicidade e contando com uma

⁴ CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto / EDUSP, 1988, p. 13.

⁵ Ibid., p. 20.

⁶ Ibid., p. 27.

coleção praticamente completa, é o jornal local **Correio**. Ele propiciou uma ampla pesquisa sobre a cidade de Uberlândia.

Tendo em vista a complexidade do trabalho de pesquisa com o jornal, deve-se ter em mente que ele, segundo Capelato, “[...] não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade”.⁷ Por isso, se o jornal se torna um material diversificado de análise, constituindo uma valiosa fonte para os estudos históricos, a sua utilização, porém, não se dá de forma aleatória.

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesse e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais.

A categoria abstrata *imprensa* se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social.

A análise desse documento exige que o historiador estabeleça um constante diálogo com as múltiplas personagens que atuam na imprensa de uma época. Desse diálogo, resulta uma história mais viva, mais humana e mais rica, bem diferente da história preconizada pela corrente tradicional de cunho positivista.⁸

Nessa perspectiva, é significativo o jornal **Correio** devido a sua produção ininterrupta, abarcando todo o período abordado nesta pesquisa. No entanto, sua escolha não é consequência exclusiva de tal situação. De propriedade de um grande grupo empresarial, que não restringe sua atuação ao ramo jornalístico, este jornal permite problematizar as perspectivas que norteiam os grupos dirigentes da cidade de Uberlândia. Sua força pode ser sentida ao perceber que, a partir do ano 2000, torna-se o único jornal local em circulação.⁹ Mesmo sem concorrência na veiculação de informações, sua incorporação não se constrói de maneira irrefletida. Conforme apresentadas no decorrer deste trabalho, as reportagens, as charges, as manchetes, os editoriais e as enquetes retirados do periódico foram problematizados desde que colaborassem com a discussão presente.¹⁰

⁷ CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto / EDUSP, 1988, p. 21.

⁸ Ibid.

⁹ O jornal passou por diversas nomenclaturas. Já foi denominado de **Correio do Triângulo**, posteriormente **Correio de Uberlândia** e nos dias atuais, somente **Correio**. Reina absoluto nas vendas de jornais da cidade. De propriedade de um dos maiores grupos empresariais da cidade e do país, o grupo **ALGAR** detém, além do jornal, empresa de telefonia fixa e móvel, centro de telemarketing, atividades agropecuárias, dentre outras. O jornal **Correio**, no período abordado por este trabalho, disputou leitores com o jornal **Primeira Hora**, **A Notícia** e **O Triângulo**.

¹⁰ O material pesquisado e relevante para o tema proposto foi fotografado e digitalizado, compondo um acervo pessoal sobre o tema.

A pesquisa com a fonte escolhida, à medida que transcorria, foi revelando um constante diálogo entre a cidade de Uberlândia e a cidade de São Paulo. É interessante notar que a representação que se faz da cidade de Uberlândia não encontra eco com a capital mineira, Belo Horizonte. A identificação é com o centro cultural e econômico do país (São Paulo), e isso ocorre, sobretudo, em razão do processo de integração econômico-social da região do Triângulo Mineiro, desde os tempos dos Bandeirantes.

A visão megalômana que os cidadãos uberlandenses têm da cidade, é reiterada constantemente nos jornais. Por meio de seu discurso ufanista, constrói-se uma representação de cidade fadada ao sucesso e ao “progresso”¹¹, destino que a acompanha desde os primórdios, desde a sua fundação. Um dos veículos que mais reafirmam essa perspectiva é a imprensa local. Tal constatação foi propiciada pelo contato com as fontes.

Essa percepção e a elaboração da problemática proposta para este trabalho impeliram à necessidade de realizar uma pesquisa na cidade de São Paulo. Essa necessidade teve dupla motivação. Primeiramente, a já mencionada referência de Uberlândia a São Paulo, do ponto de vista econômico-social. Em segundo lugar, a percepção de que o processo aqui ocorrido nas mudanças no ato de ir ao cinema não se constitui fato restrito à cidade de Uberlândia. Muito pelo contrário, faz parte de um amplo processo de transformações ocorridas intensamente, nas duas últimas décadas do século passado, em diversas localidades.

O interessante, em relação à pesquisa em São Paulo, deveu-se à possibilidade de visitar alguns dos lugares mais significativos, os quais permitiram visualizar esse processo em locais diferentes do habitual desta historiadora. A pesquisa no Museu Lasar Segall foi particularmente relevante ao disponibilizar um rico material que evidenciou a similaridade do processo em diferentes locais e épocas. Tal fato revelou que, guardadas as devidas proporções, as modificações ocorridas em Uberlândia e em São Paulo, ao mesmo tempo em que dialogam entre si, fazem parte de uma rede de acontecimentos que extrapolam os limites conjunturais dessas cidades.

Pode-se afirmar que essas transformações são estruturais e ligam-se à dinâmica capitalista, nos últimos vinte anos. Cabe ressaltar que fazer uma pesquisa sistemática desse processo, com a acuidade necessária, é uma tarefa que ultrapassa os restritos limites da presente Dissertação. Com efeito, limitei-me ao estudo do problema

¹¹ A noção de progresso presente extensivamente nos periódicos locais remete à idéia de avanço linear, crescente e evolutivo. Também é normalmente associada ao desenvolvimento tecnológico.

mencionado na cidade de Uberlândia, estabelecendo, sempre que possível, diálogos com outras cidades, particularmente com a cidade de São Paulo.

Uma vez estabelecido o problema - o recorte temporal que o abarca e suas fontes - um último fator deve ser incorporado com muito critério. O referencial teórico, cujo peso se faz sentir em qualquer discussão, emerge a partir das questões que se apresentam no decorrer do trabalho. Uma obra que é interessante de ser incorporada a este trabalho é o de Arruda.¹² Ao centrar seu estudo na cultura da cidade de São Paulo, aborda momentos relevantes e constituintes de um processo intenso de urbanização e metropolização da cidade. E o faz mediante o viés cultural, trazendo à discussão um cenário rico e matizado, no qual se materializou uma “aposta no contínuo progresso” e na modernização de São Paulo. Progresso esse que, segundo Arruda, “manifestava-se nos diferentes modos de reconhecimento do moderno”, sendo a modernização, modernismo e a modernidade partes constituintes desse processo.

A cidade de São Paulo, nesse meio de século, revelou-se solo fértil para a fermentação das diretrizes apontadas, transformando-se em referência fundamental dessas concepções que vicejavam no período. Em nenhum lugar, a urbanização e o crescimento industrial atingiram tal completude, o que lhe facultou alçar-se à condição de metrópole.¹³

Nesse sentido, a perspectiva de Arruda quanto às transformações econômicas, sociais, culturais e políticas em relação à cidade de São Paulo, em um determinado momento, ajuda a pensar e problematizar o discurso eloqüente sobre a cidade de Uberlândia. Colabora também em alusão ao processo de modernização econômica do país e suas relações intrínsecas com os aspectos sociais e culturais. A autora identifica mudanças, inclusive, no processo de urbanização, o que permite levantar hipóteses investigativas que orientem o estudo da cidade de Uberlândia, particularmente quanto à formulação de um discurso que se caracteriza pelo elogio do progresso material a qualquer custo.

Essa referência constante da cidade de Uberlândia em relação à cidade de São Paulo é extensamente veiculada e reiterada nos periódicos locais. Ela é que embasa e caracteriza a construção do discurso sobre a cidade de Uberlândia, justificando-se em decorrência de sua posição geográfica estratégica, isto é, localiza-se na parte central do eixo econômico que liga a metrópole econômica, que é São Paulo, à região Centro Oeste, especialmente à capital federal, Brasília. Esta condição de “entrepasto” das

¹² ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e cultura** – São Paulo no meio do século XX. Bauru: EDUSC, 2001.

¹³ Ibid., p. 18.

capitais, também é amplamente exaltada, sendo argumento irrefutável para o crescimento da cidade. O caminho do “progresso”, o fluxo de mercadorias, que vai de São Paulo ao Centro Oeste (e vice-versa), passa inevitavelmente por Uberlândia.

A tônica presente nos trabalhos cuja temática é a cidade de Uberlândia, mesmo com enfoques distintos, é perpassada pela imagem projetada da cidade fadada ao “progresso” e dos discursos construídos reiterando essa imagem. Dentre os trabalhos, dois são particularmente relevantes para essa discussão, pois problematizam a cidade e os grupos dirigentes que a constituem, elaborando reflexões interessantes a respeito das noções de progresso e de modernização da cidade. Analisando o período compreendido entre as décadas de 1950 e 1980, Lopes¹⁴ lançou-se a questionar as mudanças no território urbano na cidade de Uberlândia. Ao enveredar pelo estudo do espaço urbano, retoma o discurso de “desenvolvimento” e suas nuances, trazendo à tona a construção de uma imagem de cidade que pretendia projetar-se num cenário nacional com o apoio das elites locais.

Os primeiros registros históricos de Uberlândia nos ajudam a entender como espaço urbano da cidade foi sendo cotidianamente pensado, inventado e construído [...] uma história que, desde o início, foi sendo oficializada através dos símbolos da ordem, do progresso e da modernização. As elites políticas e econômicas trabalharam no sentido de urdir uma rede de conveniências, na qual, os interesses emergentes foram sendo tramados de forma a possibilitar a materialização destes discursos no espaço urbano, construindo-o como uma representação onírica deste ideal de cidade Maravilha.¹⁵

Os discursos eram enfatizados, a fim de legitimar possíveis referenciais da cidade progressista. A cidade, assim referenciada, foi organizada pelas elites locais para que se firmasse como possibilidade real. Para Lopes, o discurso “[...] é uma representação do imaginário local que sustentou toda a história do município”¹⁶ amparando as políticas locais e a crença num futuro melhor.

A percepção do discurso, que qualifica e envolve a cidade de Uberlândia numa teia de relações, justificando sua vocação para o progresso, não se restringe à área da História. O trabalho de Soares¹⁷ (geógrafa e grande estudiosa da cidade) problematizou

¹⁴ LOPES, Valéria Maria Queiroz. **Caminhos e trilhas**: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950 – 1980). 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

¹⁵ Ibid., f. 21.

¹⁶ Ibid., f. 35.

¹⁷ SOARES, Beatriz R. **Uberlândia**: Da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado – Imagens e Representações no Triângulo Mineiro. 1995. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

as transformações da cidade e de seus espaços com base em imagens e representações criadas pela atuação dos grupos dirigentes no poder. Nesse intento, abarcou o período dos últimos 50 anos e as transformações significativas da cidade. Para a autora, a cidade poder ser pensada, lida e decifrada por meio de suas próprias contradições. Nessa cidade há uma dualidade inerente: a cidade real versus a cidade projetada. Nesta disputa por uma imagem projeta-se, grande parte das vezes, o que ela não é, mas o que se pretende ser. Na busca por construir uma imagem, Soares destaca a necessidade de compreender as especificidades do lugar e sua história levando em conta aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos.

O que me interessa ressaltar é que, para ter essa perspectiva de investigação em relação à cidade de Uberlândia, ou seja, para melhor estudá-la em suas nuances e em seu movimento específico, é preciso a partir de um olhar que não a retire ou afaste das relações econômicas, sociais, políticas e culturais construídas em seu entorno.

Por outro lado, de acordo com Lefebvre,¹⁸ estudar a cidade implica lê-la tal como uma obra de arte. Neste sentido, sua unicidade é dada pela particularidade de suas mediações, pois não é isolada nem é simplesmente produto material. “A cidade foi ao mesmo tempo, o local e o meio, o teatro e arena dessas interações complexas”.¹⁹

Assim, uma opção de leitura da cidade, dentre uma vasta gama, é a decodificação de seus significantes percebidos nas relações estabelecidas pela vivência em sociedade e do relacionar de seus cidadãos. É pela intermediação entre os aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos que a cidade emerge. Compreendê-la passa, necessariamente, por essa leitura mais ampla, que possibilita dimensioná-la em suas especificidades.

Nessas circunstâncias, a leitura da cidade, presente neste trabalho, perpassa as relações estabelecidas e (re)elaboradas das sociabilidades envolvidas no ato de ir ao cinema. Ir ao cinema não se restringe à entrada na sala de exibição. Vai muito mais além das estruturas físicas das salas, incorporando suas adjacências, projetando-se pela e na cidade.

Para compreender, com acuidade, as mudanças nas formas de sociabilidade que envolvem o ato de ir ao cinema, é necessário problematizar as sutilezas presentes neste processo que caracteriza um particular “modo de vida” e, ao mesmo tempo, vê-lo como

¹⁸ LEFEBVRE, Henry. **O direito a cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

¹⁹ Ibid., p. 52.

algo inserido numa vasta teia de práticas e relações econômicas, sociais, políticas e culturais na cidade de Uberlândia. Ademais, a frequência nas salas de cinema cria e recria, em seus espaços, movimentos e relações que envolvem uma dimensão simbólica.

Com a extinção das salas centrais, que foram referência durante décadas, perderam-se, pouco a pouco, e juntamente com elas, também as sociabilidades ali exercidas. Concomitante a esse processo houve a interferência de aspectos que extrapolavam o âmbito da sétima arte. São aspectos que remetem a uma conjuntura mais ampla que engloba as intensas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais vividas nas últimas décadas do século passado.

Nesse ínterim, o processo de transformação na cidade de Uberlândia é duplo, isto é, há o desaparecimento de um espaço e de um hábito social consagrados, de um lado, e, de outro, a inauguração de uma nova estrutura e de novas práticas sociais. Em linhas gerais, essa dupla modificação, que (re)define o hábito de ir ao cinema, leva, primeiramente ao desaparecimento de uma consagrada e muito difundida forma de sociabilidade da sociedade uberlandense, já que fora encarada, durante muitos anos, como acontecimento social de grande envergadura. Em segundo lugar, esse processo de transformação acarreta o fenecimento do *glamour* outrora ostentado, ou seja, o ato de ir ao cinema torna-se, nos dias atuais, apenas mais uma opção de lazer dentre dezenas de outras.

Refletir sobre o ato de ir ao cinema, compreendido como um espaço privilegiado de análise, requer problematizar essa prática partindo, inclusive, do *footing* praticado antes e depois das sessões de cinema percebendo as formas de sociabilidade construídas a partir do movimento que ocorre nas proximidades das salas de cinema.

Nesse propósito, o trabalho de Pinto,²⁰ que engloba o período entre as décadas de 1930 e 1950, buscou refletir as relações sociais presentes nos cinemas localizados nas áreas centrais. O autor problematizou o cinema e a sociedade como elementos constituintes de um “imaginário social”, reelaborando a sociabilidade que se estendia às calçadas e às ruas próximas das salas de cinema, tendo como premissa a complexidade das relações envoltas nas diferenças sociais, econômicas, étnicas e culturais.

[...] compreender como cinemas interagiram com o ritmo de crescimento de Uberlândia, que nos anos 30 a 50, contou com a abertura das maiores e melhores casas deste gênero, com altos índices de frequência. Índices que não podem ser atribuídos apenas à questão

²⁰ PINTO, Luziano Macedo. **Situações de cinema:** tramas e imagens de sociabilidade – Uberlândia 30 a 50. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

da falta de outras opções de lazer, mas à existência de um poderoso imaginário social que “dizia” que frequentar tais locais simbolizava civilidade, pois estes não representavam apenas mais uma construção anódina na paisagem urbana, mas um espaço especial, investido de significados sociais e políticos.²¹

Para Pinto, os cinemas significavam muito mais que um lugar de passagem. Eram locais que caracterizavam a paisagem urbana e, por conseguinte, a sensibilidade de seus frequentadores. Havia um movimento entre a frequência das salas de cinema e o crescimento da cidade que respaldava suas transformações. É nesse movimento que são construídos os significados das práticas sociais. E é pela inserção nesse movimento que, paulatinamente, os grandes palácios vão perdendo *glamour* e espaço (físico e simbólico) e são inauguradas novas sociabilidades. Segundo o autor:

O propósito deste histórico sobre os cinemas locais não é tentar fazer apenas um relato dos primeiros cinemas em Uberlândia, mas buscar compreender como se integravam ao ritmo da cidade, ao mesmo tempo em que eram referenciados como símbolos de “progresso e modernidade”, e marcavam, de uma forma muito especial, a paisagem urbana, contribuindo para a estruturação da imagem grandiloquente com que as elites dominantes buscavam cunhar Uberlândia.²²

A percepção de Pinto, já apontada na primeira metade do século passado, ainda pauta as construções simbólicas dos dias atuais. Porém uma mudança considerável no cinema e nas estruturas de suas salas se faz sentir. O autor cita Gonzaga para explicitar as transformações sentidas no ritual imbricado ao ato de ir ao cinema. O cinema e suas adjacências não desapareceram, pelo contrário, transformaram-se e assumiram um novo ritual carregado de novos sentimentos. Esse ritual passa, segundo Gonzaga, a inserir-se nos shopping centers e em novas estruturas físicas e simbólicas, criando um novo *footing*, “o antigo *footing* da Avenida” é apropriado e decodificado em novas referenciais dentro desses espaços fechados e climatizados. “O que distingue as duas épocas é justamente a percepção simbólica destas experiências, uma tida e cultivada como elevada, e a outra de forma imediata e funcional, na velocidade incessante de um chip de computador”.²³

Destarte, a mudança no ato de ir ao cinema refere-se à incorporação de um novo espaço. Consagrado e reverenciado como “templo do consumo”, os shopping centers têm como principal marca a “multifuncionalidade” na realidade social, de

²¹ PINTO, Luziano Macedo. **Situações de cinema**: tramas e imagens de sociabilidade – Uberlândia 30 a 50. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001, f. 24.

²² Ibid., f. 78.

²³ GONZAGA, 1996 apud Ibid.

acordo com Frúgoli.²⁴ O autor, em seu estudo sobre os shopping centers de São Paulo, enfatiza as diversas sociabilidades experimentadas nesses locais e como ganham importância no contexto urbano para o exercitar dessas novas sociabilidades.

Com efeito, configuram-se, no interior dos shopping centers, novas práticas e hábitos e, nesse novo contexto, o ato de ir ao cinema é (re)significado, já que, a partir desse momento, esse ato passa a vincular-se, de maneira ainda mais explícita, ao universo do consumo, no qual mercadorias e pessoas passam a ser consumidas e a se consumirem. O *footing* das ruas transfere-se para os corredores artificialmente iluminados, criando novas sociabilidades.

Nessa perspectiva, uma obra relevante para essa discussão é a de Padilha,²⁵ outra estudiosa sobre as relações estabelecidas no interior dos shopping centers. Para a autora, estes se apresentam como uma espécie de “mini-cidade”, o que reforça o caráter amplo das transformações ocorridas nos últimos vinte anos. Inseridas num complexo e múltiplo processo, essas transformações pautam-se pela “lógica de mercado” e os shopping centers são uma significativa expressão disso, ou seja, a “mundialização” (ou globalização como prefere Canclini) constitui-se como uma espécie de manobra, ou subterfúgio, para a constante reelaboração do sistema capitalista de produção. Ainda segundo a autora:

A mundialização [...] é abordada e considerada o cenário no qual a sociedade capitalista de consumo desempenha hoje seus múltiplos papéis[...] o shopping center, templo da “sociedade de consumo” que reflete os valores e as ideologias de um sistema capitalista numa época neoliberal propagada como “globalização”.²⁶

Partindo da inserção dos shopping centers na estrutura capitalista, Padilha procura analisá-los e mostrar seus significados sociais, não os restringindo a uma cidade ou região. Muito pelo contrário. Como fenômeno de atuação mundial, os shopping centers, quando são inaugurados, ganham particularidades inerentes de cada lugar, porém a forma e a essência são similares em qualquer parte do mundo. Com um propósito comum, ao se tornar “complexos comerciais” visam estabelecer uma cidade dentro de outra ou uma “mini-cidade”, mais agradável, confortável e limpa.

²⁴ FRÚGOLI, Heitor Jr. **Os shopping-centers de São Paulo e as formas de sociabilidade no contexto urbano**. 1989. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

²⁵ PADILHA, Valquíria. **Shopping center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006.

²⁶ Ibid., p. 21.

Constituindo a representação de uma cidade idealizada em menores proporções, sem conflitos e sem violência.

Os shopping centers transcendem as suas finalidades comerciais. Na tentativa de abarcar uma gama de atividades, serviços e lazer, incorporam e (re)significam hábitos quotidianos e antigos modos de vida. Tornam-se atrativos aos mais diversos grupos sociais, estabelecendo, assim, novas atraentes sociabilidades em seu entorno. Neste sentido, Frúgoli, ao desenvolver seu trabalho em relação aos shopping centers e às novas formas de sociabilidade presentes na cidade de São Paulo, insere-os numa dinâmica social mais ampla. O diálogo dos shopping centers com a cidade, mais especificamente com o espaço urbano, é permeado pela sua aproximação com as “praças”. Segundo Frúgoli:

A idéia de trabalhar com os shopping-centers como novas “praças” foi fortalecida quando, nas observações iniciais pude perceber várias menções arquitetônicas e cenográficas nos interiores destes remetidos a outros espaços urbanos [...].²⁷

Ao estabelecer esse paralelo, guardadas as devidas proporções, os shoppings apresentam características que remetem à semelhança com ambientes familiares ou similares. Tendo como perspectiva legitimar um espaço de reconhecimento e legitimidade para seus freqüentadores, tornam-se estruturas atemporais e aclimáticas.

Nessa atmosfera previsível e agradável milhares circulam, em meio a um frenético mundo de vitrines em permanente oferta das últimas novidades da moda, neons, espelhos – voltados para o exercício narcísico e para produzir a impressão de uma ampliação do espaço.²⁸

Nos shopping centers, cria-se uma atmosfera condizente com a lógica de mercado que, respaldada pelo seu caráter multifuncional, consegue congrega em seu entorno uma variedade de especificidades, inserindo novas formas de sociabilidade. Dentre as oferecidas nos shoppings, uma é particularmente interessante: a sociabilidade presente no ato de ir ao cinema. Essa sociabilidade proporciona um movimento peculiar em torno das salas de cinema e das estruturas criadas nas proximidades, para acolher seus freqüentadores.

Assim, problematizar esse processo que (re)significa antigas práticas, dotando-as de novas referências, torna-se o eixo principal desta Dissertação. Neste sentido, o

²⁷ FRÚGOLI, Heitor Jr. **Os shopping-centers de São Paulo e as formas de sociabilidade no contexto urbano**. 1989. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989, f. 6.

²⁸ Ibid., f. 8.

shopping da cidade de Uberlândia – **Center Shopping** –, reitera muitos dos aspectos mencionados acima. Entretanto cabe ressaltar que, nesse contexto, os discursos ufanistas sobre a cidade, - ou seja, aqueles que prefiguram Uberlândia como um lugar fadado ao sucesso – associam-se à imagem projetada e exaltada do shopping. Por isso, essa particular apropriação da imagem do **Center Shopping**, não só para a cidade como também para a região do Triângulo Mineiro, transforma-o no plano máximo da representação da idéia de progresso, idéia que, principalmente por meio da imprensa, tem se alastrado pelo “imaginário local”.

Nesta perspectiva, as centralidades específicas criadas a partir dos shopping centers, no caso específico do **Center Shopping**, foram estabelecidas para além das finalidades desse local. Como lugar dinâmico onde tanto os consumidores, mercadorias e os espaços são consumíveis, proporciona novas sociabilidades. Nesse movimento, a inserção das salas de cinema assumem uma nova configuração social, tornando-se uma *griffe* dentro do shopping.

Visando discutir essa problemática geral, estruturei o trabalho em três capítulos. O primeiro intitula-se **Cidade, transformações, imagens: construções sociais**. Ele abarca a discussão sobre as transformações ocorridas no espaço urbano. Tendo em foco principal a cidade de Uberlândia, a problematização das questões referentes à modernização desejada pelos grupos dirigentes e a veiculação desta perspectiva na imprensa local, possibilita pensar como a cidade é inserida em um processo mais acelerado, típico dos grandes centros.

No segundo capítulo: **Cinema e as mudanças no espaço social urbano** apresento as inferências sobre as salas centrais de cinema da cidade de Uberlândia e o processo de seu fenecimento. Nessa perspectiva, problematizo a passagem de um ato considerado como acontecimento social, reconhecido como grandioso e luxuoso, até ser encarado como local decadente e transformado em outros empreendimentos de maior rentabilidade.

No terceiro e último capítulo, intitulado **Shopping-Center: o consumo do hábito de ir ao cinema**, discuto sobre as mudanças relativas ao hábito de ir ao cinema, inserido em uma nova estrutura. Também reflito sobre a construção simbólica deste espaço, o shopping center, bem como as novas sociabilidades elaboradas e exercidas a partir dele. Pautadas pelos parâmetros desse novo espaço, o antigo hábito de ir ao cinema assume uma nova configuração.

CAPÍTULO I

CIDADE, TRANSFORMAÇÕES, IMAGENS: CONSTRUÇÕES SOCIAIS

Em toda a sua extensão, a cidade parece continuar a multiplicar o seu repertório de imagens: no entanto, não tem espessor, consiste somente de um lado e de um avesso, como uma folha de papel, com uma figura aqui e outra ali, que não podem se separar nem se encarar.

CALVINO, Ítalo – **As cidades invisíveis**

Cada espaço, contorno, curva e beco da cidade tem uma relação com o seu tempo. Relação fundamental com o passado que deixa as marcas legítimas de sua história. Como compreender a estrutura envolta na cidade, uma vez que sua aura resplandece em seus recônditos mais íntimos. Como entender o movimento simétrico das ruas, avenidas e alamedas, tentando reconstruir cada tijolo, cimento e cal solidificados?

A cidade, tal qual nos apresenta Calvino,²⁹ assemelha-se às páginas escritas de um livro, à partitura musical ou a um navio. Conforme percorremos suas ruas, a cidade ganha vida, forma e significado. Cada movimento e trajetória vão delineando sua história, suas características e sua essência. Desta forma, tal qual a uma obra de arte, a cidade precisa ser decifrada por meio de seus sinais, vestígios e impressões deixadas.

Segundo Lefebvre,³⁰ “[...] a estrutura, a função e a forma” da cidade forjam-se num movimento ininterrupto com o homem e a natureza. A lógica da cidade insere-se numa teia de conflitos e contradições, ora respaldada pela ideologia, ora pela fatalidade. Adquire forma, modifica e se reestrutura dentro de um jogo de poder, sedução e conhecimento. Sua complexidade esbarra em cada trajetória e particularidade, porém sua forma vai delineando-se no espaço e no tempo, ganhando uma linguagem peculiar.

²⁹ Para maiores referências, ver CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

³⁰ LEFEBVRE, Henry. **O direito a cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

Problematizar este símbolo que é a cidade é não perder de vista as suas singularidades. Possibilita, assim, compreender a relação imbricada entre a cidade e sua “realidade urbana”, uma vez que as suas representações e organizações se estabelecem num determinado momento histórico, traduzindo sua imagem.

A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estado, etc.), com sua história.³¹

Dessa forma, partindo das considerações de Lefebvre, “a cidade é obra”, mas uma obra realizada pelos seres humanos nas “condições históricas”, peculiares a cada momento. Nesta relação, os sujeitos sociais ordenam seus espaços conforme as necessidades presentes arquitetando “formas e estruturas” sociais, políticas, econômicas e culturais. Ver e pensar a cidade tal qual uma “obra” implica compreendê-la em amplo sentido, não se restringindo à sua materialidade. Composta por distintos artistas, a “obra” cidade carrega em si uma multiplicidade de contribuintes e mecenas.

É sob a perspectiva da multiplicidade que a cidade de Uberlândia apresenta-se neste trabalho. Tal qual um observador atento e perspicaz, adentrar-me-ei e os convido a caminhar pelas ruas tortuosas da cidade. Percorreremos o espaço urbano da cidade, no propósito de perceber o significado histórico e simbólico construído nos discursos e na representação da imagem de Uberlândia.

Marcada por estruturas, interesses, estratégias e jogos políticos, que desenharam e ainda desenharam seu mapa histórico, Uberlândia é construída através das lentes do progresso e sob o pincel do desenvolvimento. Insere-se numa dinâmica própria de realizações, assumindo um papel e um lugar. Possui uma singularidade própria ao seu viver. Viver este característico de uma cidade com ares e pretensão de ser “metrópole”, convivendo com a profusão de sua provincianidade. Carrega, nas marcas deixadas pelo tempo, a síntese do novo e do velho, na linguagem, nos gestos, nos olhares, nas construções e na imagem que se pretende desta.

³¹ LEFEBVRE, Henry. **O direito a cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2004, p. 46.



FIGURA 01. Vista aérea da cidade Uberlândia

Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 31/08/1994, caderno especial, p. 01.

1.1 – “O progresso muda a fisionomia de uma cidade” (Correio de Uberlândia 20/02/82)

O que torna singular a cidade de Uberlândia justificando um trabalho historiográfico tendo-a como foco? O que possui em sua essência que desperta interesse e admiração? Por que trabalhar o espaço urbano e sua conseqüente construção social numa cidade projetada? Como entendê-la partindo de seus próprios ideais e de sua inserção no cenário nacional? São questões relevantes que direcionam o caminho e a trajetória deste trabalho, respeitando a diversidade e a complexidade inerentes a qualquer discussão.

Caminhar pelas ruas de Uberlândia permite-nos vislumbrar, em suas construções físicas e simbólicas, o reflexo de sua tão propalada imagem: o seu desejo de progresso e os seus anseios em busca de um desenvolvimento, calcado nos parâmetros da modernização e industrialização do país. Neste sentido, Uberlândia lança suas metas e busca representar uma imagem privilegiada de sua região e de suas potencialidades, tendo como referencial a proposta de um futuro melhor.³²

Justamente por se apresentar imbricada a um projeto mais amplo, estando sempre inter-relacionada a tais questões e à construção de uma nação, é que essa expressiva cidade assume tamanha importância neste trabalho. Sua história desenrolou-se carregada por um discurso similar e compatível com seu desenvolvimento. Advém daí a necessidade de estabelecer e problematizar o caminho percorrido por Uberlândia, tendo sempre como referencial a “visão de progresso” e uma “crença na modernização”.

Pensar a cidade e suas respectivas mudanças sociais requer também retomar e discutir o movimento de transformação que o capitalismo juntamente com a noção de moderno trouxeram para o país. Desta forma, correlacionar esse momento específico e significativo à história da cidade proporcionou novos horizontes e perspectivas em todas as áreas de atuação social, econômica e cultural.

Impõe-se, assim, a necessidade de retomar o processo no qual a industrialização foi incorporada e adjetivada em nosso país. Quais parâmetros e instrumentos foram utilizados? Como tal transformação atingiu a sociedade,

³² Presente no discurso da imprensa no período abordado por este trabalho, a noção de progresso, veiculada e reiterada constantemente, é vinculada aos parâmetros calcados na concepção de modernização. A cidade de Uberlândia é, predominantemente, caracterizada pela atividade de prestação de serviços. Apresentando como diferencial competitivo a incessante incorporação de incrementos tecnológicos.

caracterizando um modo de vida peculiar pautado nas noções ditas modernas? Tomando como referencial uma certa descontinuidade entre a indústria nascente e suas condições históricas, pois tal implantação no Brasil efetivou-se mediante a importação de modelos dos países considerados desenvolvidos.

Nesse sentido, Novais³³ faz uma brilhante análise em relação a tal propalada industrialização e suas conseqüências diretas na sociedade brasileira. Enfocando efetivamente como tal processo se desenrolou, dando origem a um capitalismo considerado “tardio” e à crença em uma sociabilidade moderna. Problematicizou este processo dentro de uma teia de valores e significados que dimensionaram a ambição de um progresso que culminava na tentativa de relacionar “transformações econômicas” às “mutações na sociabilidade”. De um lado, a população brasileira convivia com contrastes, pessimismo, precárias condições sociais e uma grande miséria social, intelectual e material, e, de outro, uma parcela significativa da sociedade crescia e enriquecia-se graças a tais transformações.

Em decorrência deste processo, um modo de produção recente e alicerçado no consumo e num modo de vida, até então, desconhecido evidenciava a disparidade enorme na economia e nas condições de sobrevivência da população. Segundo Novais, “entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era de que faltava dar uns poucos passos para, finalmente, nos tornarmos uma nação moderna”³⁴, pois já havíamos produzido um arsenal de produtos industriais voltados à saúde, higiene, limpeza, vestuário, eletrodomésticos, automóveis e vários implementos agrícolas. Todos assumindo um papel fundamental no comportamento e nas atitudes que se configuravam diante desse cenário.

A mercantilização da vida social, cultural e econômica solidificou-se e ganhou expressão durante esses anos, modificando o cotidiano e alterando as relações de trabalho, os valores, a hierarquia social e o espaço urbano.

Os trinta anos que vão de 1950 a 1980 – anos de transformações assombrosas, que, pela rapidez e profundidade, dificilmente encontram paralelo neste século – não poderiam deixar de aparecer aos seus protagonistas senão sob uma forma: a de uma sociedade em movimento.³⁵

³³ NOVAIS, Fernando Antonio; MELLO, João Manuel Cardoso. Capitalismo Tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**: contraste da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p. 559-658. v. 4.

³⁴ Ibid., p. 560.

³⁵ Ibid., p. 584-585.

Essa sociedade em movimento acelerou a indústria e, ao mesmo tempo, lançou suas garras em direção às cidades. Com efeito, num processo rápido e concomitante a essas transformações, o espaço urbano das cidades se reestruturava a partir de novos parâmetros. Integrava-se em uma nova dinâmica social baseada num “progresso sem limites”. O capitalismo introduzia seu “mal necessário” no Brasil: a ampliação crescente do consumo. Desse modo, o progresso materializava-se a partir da união do consumo e do bem-estar social, estendendo-se a todas as áreas, não se limitando apenas ao econômico.

Juntamente com o capitalismo industrial, veio, também, entrincheirado em suas raízes, a noção de moderno. Ambos, agindo de forma complementar, organizavam-se e reelaboravam prismas variados da sociedade brasileira. Num movimento de transformações constantes e contínuas, o moderno introduzia novos conceitos. Neste sentido, a perspectiva de Arruda sobre o conceito de modernização vem ao encontro das perspectivas deste trabalho, pois:

[...] o progresso manifesta-se nos diferentes modos de reconhecimento do moderno. [...] modernização referia-se ao aceleração das mudanças urbano-industriais, a diversificação dos padrões de consumo, à alteração nas formas de comportamento que passaram a se guiar por princípios semelhantes aos vigentes nos países desenvolvidos.³⁶

Pensar a partir dessas inferências traz, e por muitas vezes revela, o caráter emergente do processo de modernização do país. Um conflito ininterrupto entre os velhos referenciais e os novos padrões a serem estabelecidos caracterizou, segundo Arruda, as décadas de 1950 e 1960. As estruturas urbanas e espaciais da sociedade brasileira pautaram-se por novos referenciais, tendo como norte a cidade de São Paulo.

Essa cidade, dada sua relevância econômica e comercial, incorporou e personificou a “afirmação do progresso, reconhecido na interpenetração ciência e tecnologia”,³⁷ uma vez que São Paulo encontrava-se no “epicentro das mudanças”, em todos os níveis sociais de convivência no espaço urbano. Tornou-se “objeto de remodelações e mudanças planejadas” que mudariam a urbanização da cidade que se propunha como metrópole.

Alterava-se o ritmo da vida urbana e a antiga cidade, moldada na dinâmica da economia cafeeira, apresentava-se com renovado layout, pontilhado pelas chaminés. A economia paulistana ancorava-se em

³⁶ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e Cultura**: São Paulo no meio século XX. Bauru: Edusc, 2001, p. 19.

³⁷ Ibid., p. 31.

condições extremamente favoráveis para seu desenvolvimento, ampliando poderosamente sua capacidade de acumulação por via da integração das atividades cafeeiras, da agricultura variada, da rede introvertida dos transportes, da diversificação do pequeno comércio varejista ao grande atacado, pelo sistema bancário e, sobretudo, pela potencialidade revelada no setor industrial.³⁸

Adquiriu feições de uma metrópole, congregando em si potenciais altamente favoráveis para seu desenvolvimento, principalmente a partir da década de 1950, quando incorporou o processo de industrialização, unindo consumo de produtos duráveis e não-duráveis, ao nosso país. Interligando um processo “hegemônico” de transformação de uma indústria incipiente para assumir um papel crucial de “centro manufatureiro”, que reunia técnicas modernas e investimentos estrangeiros.

A metrópole moderna, que era, São Paulo, deixava-se entrever na pluralidade das atividades aí realizadas. Para além das atividades industriais, o comércio e as finanças ingurgitaram o setor terciário, outro sinal distintivo das grandes urbes.³⁹

Sua dinâmica assumia e ganhava tamanha relevância num cenário social amplo, justamente por tornar-se pólo divulgador do “progresso, modernização e racionalização de uma cultura crescentemente técnica”. Esse quadro social e econômico estruturou e movimentou projetos que mobilizaram o país, servindo de parâmetros para outras cidades, que tencionavam abraçar esse desenvolvimento. Assim, a força motriz do capitalismo tornava-se vertiginosa e alcançava novas áreas de atuação, inclusive, provocando uma mercantilização da sociedade em todos os níveis.

Dessa forma, o capitalismo e a industrialização adentravam o país em direção ao centro (Brasília), estruturando-se e pautando-se sob novas organizações e novos referenciais, nos quais as cidades iam se adequando e dos quais iam-se apropriando conforme as necessidades criadas. Partindo diretamente deste movimento, a cidade de Uberlândia surgia como entreposto e inseria-se nessa dinâmica de desenvolvimento em todos os setores sociais, dada a sua capacidade em relacionar-se com as mudanças estruturadas num cenário macro e, conseqüentemente, trazer para sua região as transformações difundidas no país.

³⁸ ARRUDA. Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e Cultura: São Paulo no meio século XX**. Bauru: Edusc, 2001, p. 52-53.

³⁹ Ibid. p. 56.

Assim, a cidade criava e recriava constantemente uma linguagem, que segundo Lopes⁴⁰, estava expressa nos discursos iniciados a partir da década de 1950, quando Uberlândia constituía-se enfaticamente envolvida pelo movimento de progresso e modernização. Ambos agindo como responsáveis na orientação de um futuro promissor, cujos projetos interessavam a uma parcela da sociedade uberlandense: sua “elite”.

A história nos mostra que essas elites, em todas as ocasiões, estiveram atentas aos grandes projetos de nível estadual e nacional, que pudessem beneficiar o município. A prática de negociações com autoridades para que Uberlândia não ficasse excluída das vantagens deles advindas foi, e continua sendo, freqüente, daí, o discurso de ponto estratégico da região como forma de reforçar e sustentar as negociações.⁴¹

A história local de Uberlândia é permeada pela busca constante “rumo ao progresso” e a modernização de suas estruturas instaurando uma nova ordem social. A “perspectiva teleológica do progresso” determina e é determinada pelos discursos ideológicos dos vários grupos que constroem a imagem da cidade.

Neste sentido, compreender como se materializaram tais discursos requer problematizá-los por meio dos elementos intrínsecos a eles e a sua repercussão na sociedade. A leitura atenta e cuidadosa das mudanças veiculadas na imprensa local permitiu perceber como movimentou, e ainda movimenta, os projetos sociais. As diretrizes do próprio sistema político e econômico da cidade encontram-se diluídas no discurso da imprensa e as estratégias empregadas.

Dimensionar e problematizar o discurso veiculado na imprensa implica percebê-lo em sua historicidade. Respeitadas as variantes decorrentes de uma sociedade em constante transformação, é possível afirmar, com base na pesquisa realizada, que dois argumentos são recorrentes e agem como pilares de sustentação da tão aclamada vocação para o progresso da cidade de Uberlândia.

O primeiro argumento é sua situação geográfica, localizada entre o “pólo industrial e econômico”, representado pela cidade de São Paulo, e o “centro político do país”, Brasília. O segundo, decorrente do primeiro, é a construção simbólica da cidade

⁴⁰ LOPES, Valéria Maria Queiroz. **Caminhos e trilhas**: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950 – 1980). 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

⁴¹ Ibid., f. 35.

como “ponto estratégico”.⁴² Ambos os argumentos respaldam e, em última instância, justificam a orientação dos projetos políticos, econômicos, sociais e culturais.

A partir desses referenciais, outros argumentos somam-se a eles. Variantes geográficas locais como clima, terra e fertilidade são exaltadas e associadas a características da população. A cordialidade, a “receptividade” e a capacidade para o trabalho do “povo de Uberlândia” embalariam a sua “vocação inata” para o progresso.

As justificativas expressas têm como mote legitimar e construir uma imagem que tenha consonância direta com os projetos nacionais. Na tentativa de buscar um lugar e um espaço, há um discurso imerso em uma trama investida de interesses econômicos e políticos, sedimentando a ambição de desenvolver a cidade a todo custo.

O discurso forjado e construído veiculado pela imprensa deve ser ponderado e problematizado tendo como norte a percepção de não se constituir apenas como agente propagador de idéias. Segundo Capelato,⁴³ deve-se levar em consideração “[...] o diálogo constante com as múltiplas personagens que atuam na imprensa de uma época”.⁴⁴ Nessa perspectiva, implica ao historiador compreender o processo de produção dessa fonte. Considerá-la neutra é perder sua complexidade e seu papel de construtora de sentido. Cabe, também, ao historiador “desmistificar” os diversos significantes presentes na imprensa, mais especificamente neste trabalho, a atuação do jornal local, ponderando sobre algumas questões anteriores às informações apresentadas por este.

A análise da fonte-jornal pressupõe a realização dessa tarefa. Ao invés de se perguntar se as idéias e informações nela contidas são falsas ou verdadeiras, procura-se antes saber: quem produziu o jornal? para quê? como e quando? [...] Um documento – o jornal, no caso – não pode ser estudado isoladamente, mas em relação com outras fontes que ampliem sua compreensão. Além disso, é preciso considerar suas significações explícitas e implícitas (não manifestas). Cabe, pois, trabalhar dentro e fora dele.

A imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois

⁴² Os dois argumentos fartamente apresentados na imprensa local, não se restringem a ela. Estão presentes em dissertações que têm a cidade de Uberlândia como temática.

⁴³ CAPELATO, Maria Helena R. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.

⁴⁴ Ibid., p. 21.

seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas.⁴⁵

Dessa forma, Capelato destaca a percepção do caráter da imprensa como fonte. A ponderação em torno de seu conteúdo como espaço de veiculação de representações abre um novo leque no trato da imprensa como fonte. Em relação ao periódico local, o jornal **Correio**, arrolado como fonte para este trabalho, esta análise não se limita a sua atuação na construção e veiculação de representações sobre a cidade de Uberlândia. Também procura compreender a quem e a que grupos interessam essa construção, com quais intuítos e qual o alcance em seus leitores.

É significativo, então, perceber que o jornal **Correio**, a partir do ano 2000, não tem concorrentes na cidade. De propriedade do grupo empresarial **ALGAR**, não restringe suas atividades à cidade de Uberlândia. O grupo, oriundo da cidade, atua em várias frentes, desenvolvendo atividades nas áreas de agropecuária, telefonia fixa e móvel, telemarketing, parque gráfico, dentre outras. O alcance empresarial do grupo não se constituiu isoladamente. O inter-relacionamento com outros grupos empresariais e com o poder local foi imprescindível. Desta feita, o local de produção do jornal é esclarecedor das percepções expressas em suas páginas, constituindo-se agente de poder político e econômico.

⁴⁵ CAPELATO, Maria Helena R. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998, p. 24-25.



FIGURA 02 – Mapa do Brasil localizando Uberlândia.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 31/08/1998, p. 01.



FIGURA 03 – Mapa da rota de São Paulo – Uberlândia – Brasília
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 24/10/1997, p. 03.

Diante das imagens expostas nos mapas veiculados no jornal **Correio**, é perceptível a grandiloquência que acompanha e ampara o discurso sobre a cidade. Projetando uma imagem iluminada para o país, a cidade de Uberlândia, em sua “marcha para o progresso”, caminhará lado a lado com o país do futuro. O despertar do “gigante pela própria natureza” deitado em “berço esplêndido” encontraria, em Uberlândia, um grande expoente.

Tal perspectiva vai ao encontro dos referenciais expostos na imprensa, uma vez que reforçam o discurso veiculado.⁴⁶ “[...] localizada na região nordeste do Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais, Uberlândia tem uma localização geográfica privilegiada, entre dez capitais e com influência direta em várias cidades, e o que a transforma num centro de negócios”.⁴⁷

O discurso recorrente e exaustivamente difundido na cidade tem como pressuposto sua “[...] vocação para o progresso assumindo de vez sua condição de cidade pólo, de uma região considerada como uma das mais ricas do país”.⁴⁸ Compõe um referencial que faz parte do “imaginário social” da cidade, criando, em sua volta, uma magnitude refletida em seu discurso eloquente. Tal movimento de transformação da cidade cria e recria, constantemente, a imagem que se pretende de Uberlândia, uma representação de suas potencialidades que tem como colaborador e “principal veiculador” de seus ideais a imprensa local,⁴⁹ juntamente com a elite política e econômica (empresários). A cidade tornou-se palco de grandes realizações e projetos que priorizavam e exaltavam constantemente a “ordem e o progresso”, na construção de um espaço.

Desta forma, é possível perceber ambos os argumentos apresentados. A utilização de imagens serve duplamente à construção da representação que se pretende de Uberlândia. Inicialmente, inserida no texto escrito, atua no sentido de despertar a atenção do leitor para as informações nelas contidas. Em segundo lugar, atua como legitimadora dessas informações como “evidência concreta” destas. Possibilitar a visualização da cidade em relação ao país permite-nos “entender” o porquê da valorização constantemente reiterada de sua posição estratégica. Assim sendo, nada

⁴⁶ Ao trabalhar com o discurso veiculado na imprensa local, optei por problematizá-lo a partir de seus referenciais. Não se trata de estabelecer juízo de valor acerca de sua validade muito menos de sua veracidade. O foco deste trabalho é o processo histórico no qual se deu a construção da imagem que se tem da cidade de Uberlândia.

⁴⁷ **Jornal Correio de Uberlândia**, p. 29, de 30/08/1992.

⁴⁸ **Jornal Correio de Uberlândia**, p. 01, de 31/09/1990.

⁴⁹ Uma fonte privilegiada desde trabalho é o periódico “Correio de Uberlândia”, veiculado desde 1939 até os dias atuais. É o jornal de maior circulação, sendo grande difusor de informações na cidade.

mais “natural” que sua condição de entreposto comercial. Como tal, a cidade de Uberlândia e os grupos dirigentes devem atuar no sentido de possibilitar e efetivar essa condição. A argumentação presente na imprensa (posição geográfica e construção simbólica da cidade como ponto estratégico) suaviza os interesses que movem as estratégias e atuação desses mesmos grupos, “naturalizando” as transformações ocorridas na cidade.

No entanto, essa questão é extremamente complexa. A atuação dos grupos dirigentes é de difícil delimitação e cabe aos historiadores que se interessam por esse assunto problematizá-la. Os trabalhos que dialogam sobre as questões referentes à cidade⁵⁰ apresentam perspectivas diferentes. Alguns afirmam que “Uberlândia desenvolveu-se espontaneamente”. Outros enfatizam que houve “um planejamento cuidadosamente construído”. Divergências à parte, e não estabelecendo uma hierarquia entre esses trabalhos, o interessante é justamente a amplitude de perspectivas sobre a cidade de Uberlândia e a construção de sua imagem.

O que nos interessa em relação à cidade é que esta expande seus horizontes, territórios e fronteiras, tendo como propósitos e finalidades elevar-se a uma condição privilegiada, utilizando-se de um ufanismo extremo que a qualifique e a caracterize. Assim, Uberlândia passou de Cidade Jardim a Portal do Cerrado, ganhando significado e se reestruturando dentro de uma dinâmica que a projeta como ícone de desenvolvimento.

Outra imagem na qual é possível perceber tal prerrogativa é a figura de número 04. Nesta, a visão panorâmica da praça Tubal Vilela iluminada (área central da cidade) remete à representação que se tem de uma área progressista e dinâmica. A legenda da foto, “Uberlândia retrata o seu progresso”, ressalta que a cidade de Uberlândia enseja perceber, em sua área urbana central, todo o esplendor de sua iluminação e de suas altas edificações. Não é uma única área progressista, é toda a cidade que, por extensão, pode ser compreendida a partir da zona delimitada pela foto.

Dessa forma, as imagens apresentadas no jornal ratificam as informações contidas nos diferentes textos. O peso da imagem reforça, de maneira incontestável, a atuação do jornal como veiculador da construção da representação da cidade de Uberlândia.

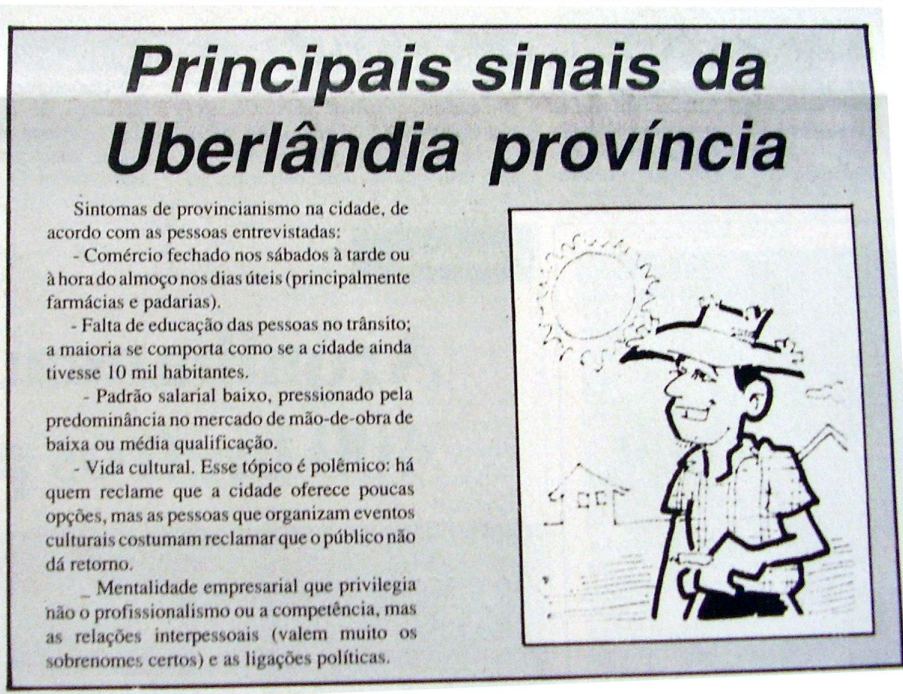
⁵⁰ Para maiores informações, ver seção “Dissertações e Teses”, nas referências bibliográficas.



FIGURA 04: Ilustração: Uberlândia retrata seu progresso
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 30/08/1992, p. 29.

1.2 – “Uberlândia, a província e a metrópole numa mesma cidade”

(Correio 18/02/1990)

**FIGURA 05:** Charge da metrópole e da província

Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 18/02/1990, p. B-01.

Dentro desta multiplicidade que é Uberlândia e diante das várias linguagens que a atravessam, um ponto de inflexão surge em sua trajetória “rumo ao progresso”. A imagem diuturnamente construída da cidade de Uberlândia é fruto da disputa entre a reafirmação de sua interioridade e sua pretensão de deixar para trás qualquer rastro que a prenda a seu passado provinciano. A retro-alimentação dessa imagem é constantemente testada quanto à sua eficácia. Assim, por mais que se esconda sob o véu da modernidade, é possível perceber, mesmo que disfarçada, a face de sua provincianidade.

Na ânsia de tornar-se centro de referência e inserir-se numa lógica de mercado, o espaço urbano não consegue acompanhar tal movimento. Tudo isso porque Uberlândia traz em si uma dualidade ontológica. Querendo ser e projetar-se como uma metrópole, não se liberta de sua interioridade.

Essa percepção está presente em diversos momentos na imprensa. Um deles em particular é interessante de ser mencionado. Na charge apresentada anteriormente, a disposição do texto e das imagens lado a lado⁵¹ supõe uma equidade mal-disfarçada entre o cosmopolitismo e o provincianismo da cidade. Amparado por uma pesquisa, o texto expõe argumentos respeitáveis para ambos os lados. Há uma preponderância subliminar de valorização dos elementos considerados cosmopolitas e a leniência com as características tidas como provincianas.

Os argumentos da dita metrópole passam pela oportunidade de trabalho inclusive aos que vêm de outras localidades. A universidade federal, como pólo atrativo e formador de mão-de-obra qualificada, “abastece” o mercado de trabalho e caracteriza uma sociedade interessada em se desenvolver por meio do conhecimento acadêmico disponível.

Outro argumento apresentado é o fato de se autodenominar o maior centro atacadista da América Latina. Considerar a cidade como o **maior** centro atacadista, subentende-se que também seja o **melhor**. Para tal, a utilização exaustiva das mais avançadas técnicas de logística e de administração reportam-se às práticas mais modernas. Isso é muito significativo, ainda mais quando alicerçado pelo “facilitador” de ser o corredor natural do país.

⁵¹ No jornal, a charge aparece com seus dois quadros situados um ao lado do outro. Na página anterior em que esta foi reproduzida, para melhor aproveitamento do espaço disponível, os quadros foram dispostos verticalmente. Tal fato é mera opção para melhor visualização desta. Não significa estipulação de valores hierárquicos entre as informações. Tal atitude implicaria uma determinação que não é apresentada pela charge.

A alegada acessibilidade e receptividade da população às pessoas recém chegadas compõe um arsenal de vetores de desenvolvimento aos quais a cidade não poderia furtar-se. Dessa forma, o rol de argumentos apresentados implica a composição de um quadro no qual a cidade de Uberlândia encaixa-se nos pré-requisitos de uma cidade moderna.

Convivendo lado a lado, nem sempre de maneira pacífica, com outras características que fogem dessa “lógica moderna”, tida como racional, técnica e efêmera, outros argumentos são elencados sem tanta ênfase. As peculiaridades da cidade de Uberlândia consideradas provincianas são amenizadas. O fechamento do comércio em horários anteriormente aceitáveis contrasta com a velocidade das mudanças ocorridas na cidade. Qualquer restrição à mobilidade ou possibilidade de consumo não corresponde às expectativas. O caos do trânsito não é decorrente apenas do excesso de veículos. É fruto de uma falta de adequação dos condutores e pedestres à realidade estabelecida. O desrespeito às noções básicas de trânsito tumultua a organização e o fluxo de veículos.

Outro fator levantado é a restrita opção de atividades culturais. Há, neste aspecto, uma situação contraditória. Se, por um lado, há a alegação de ausência de atividades culturais mais freqüentes, como exemplo, a vinda de peças teatrais encenadas em turnês pelo interior do país, há, por outro lado, a de falta de público para as atividades existentes. Para produtores e patrocinadores, não há retorno financeiro satisfatório que justifique novas investidas.

Em referência ao mercado de trabalho, há a forte presença de relações de compadrio, em detrimento de critérios de competência. A justificativa para a remuneração aquém do esperado é amparada pela afirmação da baixa qualificação da mão-de-obra disponível. Os fatos apresentados são decorrentes da não-acomodação à nova realidade e ainda estão em fase de buscar equilíbrio na dinâmica social.

Os argumentos são reforçados pelo emprego de figuras caricaturizadas. Não podem ser consideradas de caráter meramente ilustrativo. Sua utilização deve-se à necessidade de reafirmar as informações contidas no texto. A figura que remete ao “homem moderno” usa símbolos que enfatizam sua condição de sucesso como tal. O casaco, os óculos escuros e o largo sorriso demonstram sua sintonia com seus referenciais. Ao fundo da figura, vários prédios e uma chaminé fumegante associam a atividade industrial e os novos padrões de construção.

A figura do “homem provinciano” é a própria representação do “mineiro”. Os elementos constitutivos da imagem são contundentes. O sol a pino, destacando-se no quadro, lembra o trabalho diário no campo, “de sol a sol”. O chapéu de palha, a camisa xadrez e as casinhas ao fundo associam-se à representação imagética que se tem de um lugar interiorano.

No entanto, há de se destacar a relação estabelecida entre as duas figuras. Apesar de posicionadas lateralmente, é possível visualizá-las como verso e anverso da mesma figura. Contraditoriamente, são, ao mesmo tempo, objeto e reflexo. A inversão dos elementos nas imagens permite essa percepção. A posição de ambos é similar, inclusive no modo como seguram o cigarro. O constrangimento do “provinciano” frente ao “cosmopolita” é particularmente interessante. A construção desta representação vai ao encontro da própria percepção que a população da cidade tem de si mesma. Por mais que se “vista” como moderna, ao olhar para si, não há como negar sua condição ontológica refletida nos espelhos com os quais se confronta, estabelecendo um movimento de tensão e acomodação no qual os cidadãos encontram suas respostas.

A aposição entre a realidade e a imagem construída, num movimento que, aparentemente, apresenta-se contraditório, é, na verdade, intrínseco a essa mesma aposição. Neste sentido, é pertinente retomar a discussão de Chartier⁵² a respeito de seus conceitos centrais de representação e apropriação. Segundo o autor:

[...]as tentativas feitas para decifrar diferentemente as sociedades, penetrando o dédalo das relações e das tensões que a constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, obscuro ou maior, o relato de uma vida, uma rede de práticas específicas) e considerando que não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo.⁵³

A construção de sentido mostra-se mais eficiente à medida que se reporta ao real ou a parcelas deste. É a partir de algo dado que as representações ganham consistência. Trata-se de perceber as condições históricas dessa construção. Daí que, segundo Chartier, impõe-se a necessidade de reelaborar o conceito de apropriação. “[...] Essa reformulação, que enfatiza a pluralidade dos empregos e das compreensões e a

⁵² CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: a história entre incertezas e inquietudes. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

⁵³ Ibid., p. 66.

liberdade criadora – mesmo que seja regrada – dos agentes que nem os textos nem as normas impõem”.⁵⁴

Perceber a representação imagética da cidade de Uberlândia por meio do discurso veiculado na imprensa mostra-se viável devido ao sentido dado e experimentado no local de sua construção. Essa construção simbólica encontra consonância nos espaços onde a cidade constitui-se como um lugar.

Não se trata de negar o potencial de crescimento que a cidade de fato tem, nem mesmo sua condição de cidade de porte médio.⁵⁵ Trata-se de problematizar a constante reelaboração de sua representação como um local privilegiado. Representar a cidade como uma metrópole tem mais a ver com a tentativa de alcançar a expectativa de sê-la. É manifestar sua insatisfação ante o não-alcance desta condição. Daí que emerge a necessidade de realimentação constante dessa representação.

[...]as entradas da palavra “representação” atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: de um lado, a representação manifesta uma ausência, o que supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representado; de outro, a representação é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa.

Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma “imagem” capaz de trazê-lo à memória e “pintá-lo” tal como é. A relação de representação, assim entendida como correlação de uma imagem presente e de um objeto ausente, uma valendo pelo outro[...].⁵⁶

A percepção da contínua alimentação da representação imagética da cidade de Uberlândia não é restrita ao período abordado neste trabalho, que compreende as décadas de 1980 a 2000, já que pode ser percebida em matérias e editoriais referentes à cidade no desenrolar do século passado. Tal perspectiva extrapola os limites dos periódicos. Em 1942, Nelson Cupertino, um intelectual respeitado na cidade, publica a obra **Mboitató**.⁵⁷ Cupertino apresenta a atuação de Paes Leme e Fernando Vilela (ambos engenheiros, foram responsáveis pela abertura de estradas de rodagem na região) na efetivação do projeto de construção de estradas de rodagem. Para o autor,

⁵⁴ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: a história entre incertezas e inquietudes. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 67.

⁵⁵ Segundo o diagnóstico do Plano Diretor de Uberlândia 2006, a cidade foi considerada servindo-se da classificação do IBGE como Centro regional – definido como centro urbano que polariza uma mesorregião (extensão territorial com característica próprias – físicas, econômicas, sociais e humanas, mas em nível não tão avantajado quanto o das macrorregiões) do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

⁵⁶ CHARTIER, 2002, op. cit., p. 74.

⁵⁷ Obra editada sob o formato de livro de bolso foi distribuída pelo sindicato dos motoristas.

toda a região seria beneficiada pela malha rodoviária a ser construída,⁵⁸ confluindo na cidade de Uberlândia. Cupertino estabelece uma relação entre a posição geográfica, a miscigenação e a viabilidade econômica de regiões ainda não adequadamente exploradas, que, para tal, obrigatoriamente, passariam pela cidade, permeada pela “vocação ao sucesso que a acomete”.

A lenda **Mboitatá** representa a mudança. O mito cosmogônico que perpassa a obra seria o grande agente de transformação. **Mboitatá** indicava os caminhos aos homens. A grande riqueza que a figura mítica oferece é a própria riqueza do local. Grandes homens e homens simples incorporaram a **Serpente de Fogo**. Além do poder da transformação, **Mboitatá** também configura a resistência de valores e de uma ética própria do ser sertanejo, aqui, entendido sem conotação pejorativa alguma.

Nelson Cupertino, ao construir sua obra incorporando elementos reais e estórias do folclore brasileiro, em especial, a da Serpente de Fogo,⁵⁹ criou uma espécie de mito fundador da cidade de Uberlândia. O mito indígena veio ao encontro do discurso vinculado à representação que se tem da cidade, ora reforçando-o, ora justificando-o. A inclusão de elementos fantásticos naturaliza a “vocação natural para o progresso”. O solo da cidade de Uberlândia, ao ser tocado pela “flamívola serpente”, foi “magicamente” determinado como um local privilegiado. Os argumentos fartamente apresentados em relação à sua condição excepcional (localização geográfica, corredor natural, clima, fertilidade, dentre outros) foram reafirmados de maneira incontestável. Nada menos que a “Serpente de Fogo”, determinadora e senhora das riquezas, indicou a cidade de Uberlândia e traçou seu destino.

[...]já na fase das tropas e boiadas, valendo-se da conduta animal, torna-se mais intensa e mais rápida; a locomotiva imprime-lhe depois um compasso mais amiudado com resfôlego de seus pulmões a vapor; o automóvel põe-na em sincronia com o dinamismo da vida moderna, fazendo-a trepidar com a frequência das explosões de seu motor; e justamente quando nos resta a cumprir a última etapa, vem pôr-se aos nossos dispor a aviação, que suprime as dificuldades do terreno, abrindo-nos as vias livres e rápidas do espaço... Tú serás “Mboitatá”! Como a Flamívola Serpente serás o Senhor do espaço e do Tempo. Ensinarás assim ao brasileiro cá do sertão a vencer a distância – tradicional antagonista da Civilização e da unidade da Pátria!⁶⁰

⁵⁸ O termo região foi empregado referindo-se às hoje denominadas micro-regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e interior do estado de Goiás.

⁵⁹ Segundo Houaiss, o mito indígena de Boitatá é simbolizado por uma cobra de fogo ou de luz com dois grandes olhos, ou por um touro que lança fogo pelas ventas. Mito etiológico relacionado com a indicação de tesouros ocultos.

⁶⁰ CUPERTINO, Nelson. **Mboitatá**. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”, 1942, p. 216-217.

A imagem da cidade como local privilegiado e de sua “vocação para o progresso” se faz ainda muito presente. Esta representação serve para alimentar sua imagem tanto para os cidadãos quanto para seus visitantes. O cuidado com as áreas públicas de maior circulação (as grandes avenidas que cortam a cidade, aeroporto, Center Convention, Center Shopping, Centro Administrativo, área central, dentre outras) deve-se ao fato de manter a cidade agradavelmente limpa e bela. A apresentação da “Princesinha do Sertão” não dispensa uma boa dose de maquiagem. Tal qual uma bela mulher enfatiza seus pontos fortes e escamoteia os fracos.

A cidade é maquiada, porque, ao se projetar, age como um espelho, uma vez que seu discurso não se propaga no vácuo. Pelo contrário, tem uma adesão significativa da população uberlandense que o reflete. “Os habitantes da cidade condicionam a sua maneira de viver à medida que se apropriam ou (re)fabricam os espaços urbanos”.⁶¹ Assim, Uberlândia, exprime uma “linguagem simbólica na pretensa unidade, na planificação e ordem com que a cidade se apresenta nas imagens idealizadas”.⁶²

Dessa forma, pensar a partir da metáfora do espelho induz-nos e leva-nos a compreender como a cidade foi construída e edificada mediante uma base aparentemente sólida e concreta. Partindo desta perspectiva, Soares ressalta a necessidade de entender a cidade dentro de sua multiplicidade, não perdendo “sua lógica própria” e nem “suas articulações reais e simbólicas”. Para isso, “a cidade pode ser lida, entendida” dentro de uma conjuntura social, política, econômica e cultural peculiar, que não é perceptível somente por meio de sua imagem representada. Muitas vezes, “[...] o que se tem é a projeção de uma imagem de cidade, que não retrata ela própria, mas sim o que ela deveria ser”,⁶³ ou muita vezes, o que se pretende ser?

Há, nesse sentido, uma dualidade coexistindo permanentemente, a cidade que vive e experimenta e a cidade projetada e maquiada.

Existe uma contradição entre a cidade real, que abriga um determinado modo de vida, que é o resultado das relações cotidianas de seus moradores, e a imagem da cidade projetada, apenas pelos seus

⁶¹ LOPES, Valéria Maria Queiroz. **Caminhos e trilhas**: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950 – 1980). 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002, f. 67.

⁶² Ibid., f. 104.

⁶³ SOARES, Beatriz R. **Uberlândia**: Da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado – Imagens e Representações no Triângulo Mineiro. 1995. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995, f. 33.

signos de representação, por sua aparência, em que a imagem da cidade é apenas uma metáfora.⁶⁴

Soares vale-se do conceito de metáfora para compreender a representação da cidade de Uberlândia. Metáfora, porque é “nascido de uma comparação mental”,⁶⁵ por meio da qual se pretende, a todo custo, construir uma imagem que não é, valendo-se, para isso, da criação de ícones referenciais que modifiquem a cidade e camuflam o seu verdadeiro eu.

Seu objetivo é o de construir uma cidade, segundo sua imagem e semelhança, emoldurada por edifícios públicos majestosos, clubes de lazer fantásticos, estádios de futebol portentosos, enfim, grandes obras arquitetônicas. Por outro lado, uma outra face da cidade deve ser escondida, afastada de seus olhos – as favelas, as periferias, que representam um empecilho à sua legitimação e a seus negócios.⁶⁶

Uberlândia, tal como um espelho, possui os dois lados. Os ângulos de seu desenvolvimento não conseguiram escamotear e retirar do cenário social a discrepância entre uma cidade com ares modernos convivendo, lado a lado, com a miséria e a fome. A convivência, nem sempre pacífica, dentro da diversidade social, não é exclusiva desta cidade. É característica de um país construído sobre a desigualdade. Camuflar, esconder ou retirar do convívio social não nega sua condição de existência. Está em algum lugar, viva e pulsante.

⁶⁴ SOARES, Beatriz R. **Uberlândia: Da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado – Imagens e Representações no Triângulo Mineiro**. 1995. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995, f. 34.

⁶⁵ Definição retirada de: CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo, 2005, p. 614.

⁶⁶ SOARES, 1995, op. cit., f. 34-35.

1.3 – “Porque somos uma cidade admirável” (Correio de Uberlândia – 27/08/1985)



FIGURA 06: Ilustração da reportagem “Porque somos uma cidade admirável”
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de Uberlândia, de
27/08/1985, p. 09.

Seriam a posição, as estratégias de poder e a vocação para o progresso da cidade de Uberlândia que a levaram rumo a um movimento de transformação e expansão, que dimensionaram seu papel e seu lugar? Ou nada mais seria que um acaso da natureza e escolha fortuita que a levaram a ser denominada a “princesinha do Triângulo”? Certamente, não é um único fator de relevância que impulsionou sua valorização e representação, mas uma confluência de ações que concretizaram o que ela é hoje.

Não se pode negar o empenho do discurso veiculado pela imprensa em enfatizar a capacidade intrínseca à cidade de Uberlândia em trilhar e buscar a modernização, que orientou e direcionou uma nova realidade social, por meio de projetos e construções, pautada por uma representação da cidade que a situasse como um centro de referência. Para tal, o desejo modernista e ufanista de ser dos grupos dirigentes atuou como co-responsável, direta ou indiretamente, em relação às transformações urbanas e sociais.

A cidade, tão adjetivada e exaltada pelos cidadãos⁶⁷, experimentou, na década de 1980⁶⁸, um extremo vigor quanto ao seu crescimento e expansão urbana em todos os setores. Houve uma constante preocupação com a paisagem e os serviços urbanos da cidade que a tornassem visivelmente compatível com a representação que se pretendia de Uberlândia. Os possíveis transtornos de uma cidade em ebulição foram justificados e amenizados enfaticamente pela imprensa no mesmo período, tal como exemplificam as seguintes manchetes:

- “Limpeza e serviços de terraplanagem na Av. Rondon Pacheco” (23/02/83)
- “Secretaria de Serviços Urbanos inicia um projeto de recomposição paisagística” (12/09/84)
- “Melhoria no trânsito: a preocupação da Prefeitura de Uberlândia” (09/11/84)
- “Embelezamento da cidade e preocupação dos serviços urbanos” (16/03/85)

⁶⁷ Perspectiva esta possibilitada pelo contato com as fontes; foi possível reconhecer no discurso da imprensa seu desejo ufanista e a exaltação da cidade.

⁶⁸ A década de 1980, em Uberlândia, torna-se significativa em relação ao grande desenvolvimento e às grandes realizações exaltadas na imprensa, principalmente aqueles que foram considerados marcos: a inauguração do Parque do Sabiá (1982) e a construção do primeiro shopping center da região, o Ubershopping (1987).

- “Uma campanha para arborizar a cidade” (30/04/85)
- “Uberlândia ganhará brevemente um novo Código de Posturas atualizado” (26/09/86)
- “O centro nevrálgico da movimentada cidade” (13/08/88)
- “Uso e ocupação do Solo: comissão já tem presidente” (09/12/88)

Esses temas, expressos nas chamadas das matérias e editoriais, são recorrentes e relevantes à medida que propiciaram debates acerca da atuação do poder público local nas transformações do espaço urbano da cidade de Uberlândia. Analisando o discurso da imprensa local, é possível acompanhar o ritmo e o crescimento acelerado nesse período específico, justamente pela necessidade de lançar desafios ao seu desenvolvimento. Na busca de se tornar “uma cidade grande que acredita em grandes obras”, Uberlândia “cresce, mas com alma”, vai delineando “com os olhos no passado e as mãos no futuro” sua história e seu desenvolvimento.

Assim, partindo das considerações de Carlos⁶⁹, a cidade como “palco de grandes acontecimentos” torna-se um “ponto de partida para a construção de uma imagem que as pessoas fazem da cidade”. Cidade está carregada de uma multiplicidade de transformações que a elevaram a assumir um patamar de distinção entre as demais cidades do Triângulo Mineiro. Em Uberlândia, não só se ousou e se buscou efetivar projetos modernistas de desenvolvimento econômico e social, também, seu reflexo no espaço urbano a partir dessa mesma lógica. Neste sentido, é pensar Uberlândia e a sua paisagem urbana inseridas em um processo amplo que foi e continua sendo contraditório.

[...]a paisagem urbana tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência; essa perspectiva da análise já introduziria os elementos da discussão do urbano entendido enquanto processo e não apenas enquanto forma.⁷⁰

O urbano, nessa perspectiva, representa a dualidade ontológica entre os novos referenciais e os velhos, sua produção e relação com a sociedade se dão por meio das transformações sociais e econômicas. Partindo desta posição, a paisagem urbana cria e recria-se constantemente conforme interesses, posições e necessidades. Sem contar que representa e reflete a própria realidade social da cidade. Nesta percepção, entender a cidade como construção requer diferenciar o espaço e lugar, que muitas vezes, usados

⁶⁹ CARLOS, Ana F. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1997.

⁷⁰ Ibid., p. 36.

como sinônimos, apresentam nuances que adquirem significados ao inserirem-se na trama das relações humanas.

Ainda segundo Carlos, “[...] o espaço é produto, condição e meio do processo de produção da sociedade em todos os seus aspectos”, constituindo-se “produto histórico e social”, pode ser apreendido e apropriado. É apreendido por meio da interação do homem com a natureza, mas não se restringe a ela: “[...] o espaço é também produto das relações complexas de determinada sociedade, num dado momento histórico, sob a base de relações materiais de produção[...]”.⁷¹

Por outro lado, lugar também se engendra mediante as condições históricas, no entanto, vincula-se mais ao simbólico do que às condições materiais.

O lugar é construído como condição para a produção e para a vida, e ao serem construídos, essas condições produzem um espaço hierarquizado, diferenciado, dividido, contraditório, que se consubstancia como um dado modo de vida, como formas de relacionamento, como ritmos do cotidiano, como ideologia, religião e como um modo de luta.⁷²

Cada um com sua especificidade, inter-relacionam na cidade, formando e construindo suas especificidades de acordo com as estruturas sociais, econômicas e culturais. A realidade urbana, neste sentido, não está deslocada de seu espaço. Assim, compreender que o espaço “não é neutro” significa afirmar sua apropriação, que ocorre segundo uma dinâmica marcada por interesses e disputas.

Desse modo, Soares, ao problematizar a cidade, entendendo-a inserida em uma prática de poder político e econômico, reflete a atuação da “elite”, que estrutura a cidade segundo parâmetros próprios. Modificações e reorientações no e do espaço urbano buscaram dar visibilidade às possibilidades de desenvolvimento e progresso em Uberlândia. Nessas circunstâncias,

Entre os anos de 50 e 80, o espaço urbano de Uberlândia passa por transformações econômicas, sociais e culturais nunca antes vivenciadas por sua população. No que diz respeito à sua forma urbana, fruto do desenvolvimento das relações sócio/espaciais, as mudanças foram significativas, pois foram criados os loteamentos nobres, os arranha-céus, os conjuntos habitacionais, o asfalto, o néon, a televisão, o supermercado, o Distrito Industrial, a Universidade Federal, e os shopping-centers, entre outros.⁷³

⁷¹ CARLOS, Ana F. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 83.

⁷² Ibid., p. 52.

⁷³ SOARES, Beatriz R. **Uberlândia: Da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado – Imagens e Representações no Triângulo Mineiro**. 1995. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995, f. 118.

Conforme citado, esse período de intensas transformações e crescimento econômico e populacional implicou a necessidade de um planejamento mais amplo. Visando proporcionar um crescimento mais ordenado, as modificações em torno deste cenário urbano resvalaram nos grandes problemas de saturação, principalmente na área central da cidade. Esses problemas são perceptíveis na imprensa no período. Manchetes como “Uberlândia: é uma beleza imensa! Um mundo de ternura, mas com sua parte central e nevrálgica, tem suas ruas e avenidas superlotadas de pessoas afoitas”;⁷⁴ “Trânsito: o caos nosso de cada dia”,⁷⁵ expressam os problemas da região central e as dificuldades de circulação em uma área que carece de planejamento.

A inviabilidade de congregar, em um espaço delimitado, o comércio varejista, o centro administrativo, a prestação de serviços e bens, tudo somado com o fluxo intenso de veículos, proporciona um crescimento vertical e sua conseqüente valorização. Aliado à expansão dos setores industriais,⁷⁶ no final da década de 1980, a imprensa local passa a expressar a necessidade da criação de um planejamento urbano que minimizasse os problemas decorrentes de uma cidade em constante crescimento.

⁷⁴ **Jornal Correio de Uberlândia**, p. 01, de 09/07/1988.

⁷⁵ **Jornal Correio de Uberlândia**, p. 09, 08/1988, ed. Especial.

⁷⁶ A partir da década de 1960, a cidade adquiriu uma nova configuração social e econômica, principalmente com a criação da Cidade Industrial. É perceptível o direcionamento de forças da coligação e da presença de empresários na formação de um modelo padrão de cidade progressista. Na busca por qualificá-la como entreposto comercial, que agrega em si uma gama de relações econômico-político-sociais aliada à confluência das rodovias: BR 050, BR 365, BR 452, BR 455 e BR 497.

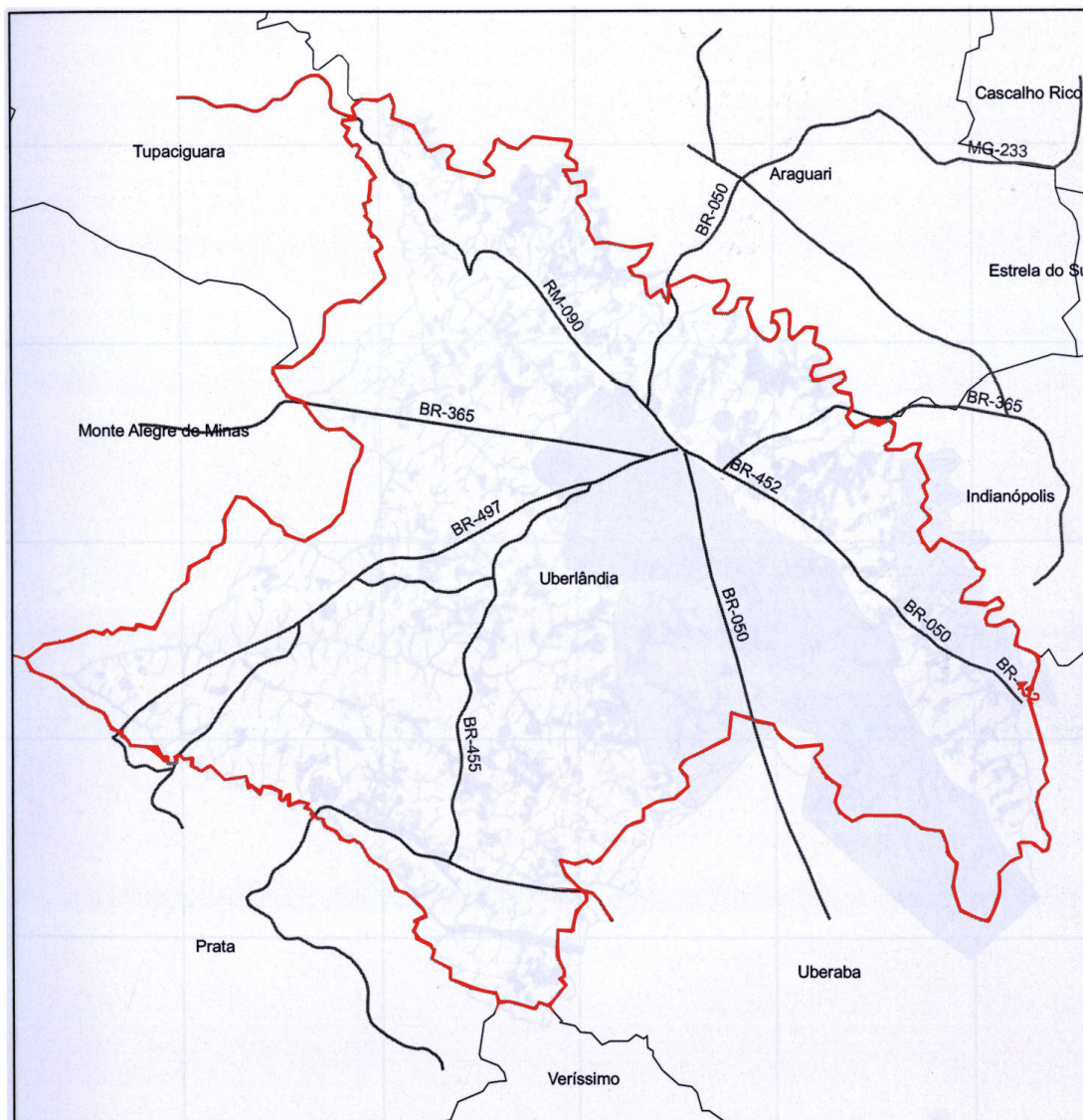


FIGURA 07: Mapa das rotas das BRs que cortam a cidade de Uberlândia
Fonte: Plano Diretor de 2006, elaborado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia.

A elaboração de um plano urbano para a cidade de Uberlândia constituiu-se por meio da parceria e da intensa movimentação das secretarias de Habitação, Meio Ambiente, Obras, Transportes e Serviços Urbanos, congregando interesses e preocupações. Reorientaram-se as discussões, a fim de remodelar e criar novos espaços e lugares sociais, na pretensão de reestruturar a cidade em prol de um melhoramento na paisagem urbana, no sistema viário, transportes e, principalmente, na revitalização da área central.⁷⁷

Desta forma, as prerrogativas já elucidadas ganham força e respaldo na gestão do prefeito Virgílio Galassi (1989 a 1992), quando este começa a trilhar os primeiros passos em direção ao que, mais tarde, seria conhecido de **Plano Diretor do Município**, posto em vigor com a preocupação de solucionar os principais problemas criados pelo crescimento urbano, o que causava entraves no interior da estrutura arcaica do poder local.

Estamos preparando Uberlândia para seu um milhão de habitantes e para o ano de 2000, disse o prefeito Virgílio Galassi na tarde de ontem, durante a solenidade de assinatura do contrato entre a Prefeitura e o escritório Jaime Lerner, de Curitiba, visando à elaboração do Plano Diretor da cidade. O Plano Diretor, em resumo, vai ordenar o crescimento da cidade para evitar transtornos futuros.⁷⁸

A discussão a respeito do Plano Diretor da cidade, iniciada a partir do mês de agosto de 1990, foi extensa e movimentada na câmara municipal. Segundo a imprensa, envolveu a sociedade juntamente com a câmara dos vereadores e associações de bairros, que reivindicavam a participação nos debates e na elaboração direta de alguns itens de interesse para a sociedade.

- “Plano Diretor: voltado para o futuro” (19/11/89)
- “Plano Diretor fica pronto em dezembro de 90” (20/12/89)
- “Plano Diretor começa a ser discutido no mês de agosto” (31/07/90)
- “Plano Diretor indica mudanças” (12/03/91)
- “Plano Diretor: qualidade de vida só para o centro da cidade” (15/10/91)
- “Plano Diretor: projeto é enviado à Câmara” (23/09/93)
- “Plano Diretor: veja como ele vai modificar o seu dia-a-dia” (31/10/93)

⁷⁷ Há concomitante a este processo a criação de uma nova centralidade na cidade. Na tentativa de desafogar o espaço central, vários serviços são redirecionados a uma área que agrega uma nova funcionalidade. Nesta área, localiza-se o Center Shopping, que será posteriormente analisado neste trabalho.

⁷⁸ **Jornal Correio de Uberlândia**, p. 01, de 29/09/1990.

- “Plano Diretor vai a discussão sexta” (09/02/94)
- “Câmara aprova finalmente o Plano Diretor do Município” (05/04/94)
- “Plano Diretor, no limiar da metrópole” (12/06/94)

Ao acompanhar as discussões na imprensa, foi possível perceber que houve ampla movimentação para o desenvolvimento do Plano Diretor, estendendo-se por quatro anos até sua efetivação em 1994. No período de 1990 a 1994, foram relatadas, quase diariamente no jornal, as indicações de mudanças, aprovações da instituição do Plano, discussões da comunidade e da associação de moradores, plano em debate por entidades religiosas, sindicatos e partidos políticos, opiniões de engenheiros da Universidade Federal de Uberlândia, apresentação de reivindicações, críticas à relação plano/sociedade, utilização da Lei de Uso e Ocupação do Solo bem como outras, até sua fase final.

A partir dessa nova configuração da cidade, houve uma reorganização urbana. Abriram-se novas regiões com um grande potencial de circulação, especulação e arrecadação, criando uma nova centralidade. Atividades antes concentradas no “centro nevrálgico” de Uberlândia convergiam para uma nova região e construíram-se como espaço de atividades comerciais, administrativas, políticas e sociais.

Esse novo espaço compreendia o percurso entre as avenidas João Naves de Ávila e Rondon Pacheco, tornando-se, a partir da década de 1990, um dos pontos estratégicos de circulação da cidade. Iniciava-se uma utilização diferenciada do espaço urbano decorrente da especulação imobiliária, já consolidada pela construção do Hipermercado Carrefour naquelas imediações, a partir da década de 1990. Com a construção de um empreendimento da envergadura econômica do Carrefour⁷⁹, houve um redirecionamento das relações cotidianas inauguradas neste espaço, proporcionado pela atração das possibilidades, até então, inéditas.⁸⁰

No entanto, essa nova reformulação no espaço urbano acarretou mudanças significativas na infra-estrutura das avenidas⁸¹ e dos bairros circunvizinhos. Esta área

⁷⁹ Inaugurado em julho de 1990.

⁸⁰ Com a inauguração do Hipermercado Carrefour, surgiu um novo referencial para o consumo. A enorme oferta de produtos, em quantidade e qualidade, o espaço amplo e iluminado de seu interior, a estrutura do estacionamento, dentre outros fatores, despertaram a curiosidade dos cidadãos, e este empreendimento consolidou-se como um novo local de frequentação.

⁸¹ Ambas as avenidas passaram por revitalizações. A Av. Rondon Pacheco passou por diversas reformas para tornar-se uma via de acesso rápido e no sentido de minimizar o impacto das inundações a que era acometida, devido a ser um dos pontos mais baixos da cidade. Já a Av. João Naves de Ávila foi reformada para transformar-se em corredor de tráfego rápido.

ganhou um novo traçado ao congregar, posteriormente, a construção do Center Shopping e o Centro Administrativo de Uberlândia.⁸²

Ambas as imagens, apresentadas em seqüência, permitem visualizar a amplitude que caracteriza as avenidas João Naves de Ávila, Rondon Pacheco e Anselmo Alves dos Santos. Foram reestruturadas para formar corredores de rápido acesso visando à melhor organização do trânsito na cidade. As amplas e arborizadas avenidas têm sua importância uma vez que cortam vários bairros da cidade, interligando-os às entradas e saídas junto às rodovias. Neste sentido, nada mais lógico que instalar na sua confluência, dois grandes empreendimentos comerciais. São locais de fácil acesso tanto para os cidadãos quanto para os visitantes, constituindo-se, inclusive, como ponto de referência para a cidade de Uberlândia.

⁸² Inaugurado em agosto de 1993.



FIGURA 08: Vista aérea da avenida Rondon Pacheco.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 31/08/1995, p. 01.

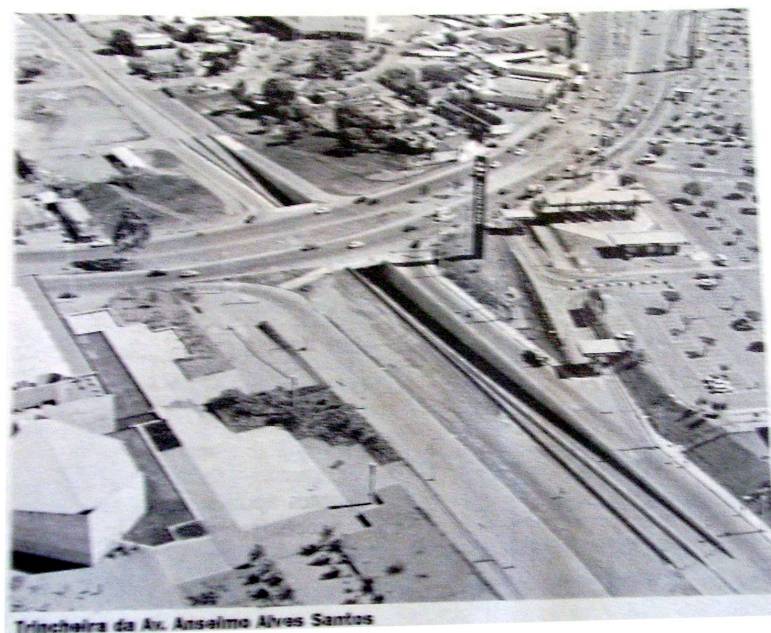


FIGURA 09: Vista aérea do cruzamento das avenidas João Naves de Ávila e Anselmo Alves dos Santos.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Correio de 25/07/1996, p. 07.

O espaço construído e reconstruído edifica e representa a confluência de interesses tanto econômicos quanto políticos, exaltados no discurso ufanista da cidade, que personifica todo o desejo de progresso ancorado nos padrões considerados modernos. Ao privilegiar um espaço que, nos anos seguintes, seria (e ainda é) considerado um símbolo representativo, um novo traçado para as ruas, lojas, postos de gasolina, casas e arborização foi organizado, a fim de viabilizar o acesso e, conseqüentemente, o escoamento e o tráfego intenso de automóveis e pessoas. Ocorre, assim, um processo de modificações estruturais para atender ao novo centro comercial, varejista e administrativo.

Toda a reorganização do espaço urbano e o empenho em efetivá-la não se constitui como um processo isolado. Segundo Harvey,⁸³ ao estudar a mudança cultural e as condições em que se deram essas mudanças, as transformações urbanas inserem-se numa prerrogativa mais ampla. Não se trata apenas de uma questão estética. Imbrica-se em um processo vivido por toda a sociedade.

[...]ao que parece, as cidades e lugares hoje tomam muito mais cuidado para criar uma imagem positiva e de alta qualidade de si mesmos, e têm procurado uma arquitetura e formas de projeto urbano que atendam a essa necessidade[...] dar determinada imagem à cidade através da organização de espaços urbanos espetaculares se tornou um meio de atrair capital e pessoas.⁸⁴

A construção da “imagem positiva”, segundo a percepção de Harvey, vem ao encontro da percepção presente neste trabalho. A orientação no processo de reurbanização e revitalização da área eleita como a nova centralidade teve como prerrogativa uma construção, física e simbólica, que possibilitasse uma espetacularização deste espaço-lugar.

Os símbolos erigidos nessa nova centralidade vêm de acordo com a imagem que se pretende de Uberlândia como “portal do cerrado”. Mesmo se configurando uma parte pequena na cidade, esta região congrega, no percurso transcorrido nas grandes avenidas, o esplendor estrutural e a preservação das ruas, praças e edifícios. A imagem enaltecida cria e recria a ilusão do progresso, crescimento, modernização e organização da cidade.

⁸³ HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

⁸⁴ Ibid., p. 91-92.



FIGURA 10: Mapa da cidade que demonstra a nova centralidade em relação ao centro antigo.

Fonte: Guia Turístico de Uberlândia/2007.

CAPÍTULO II

CINEMA E AS MUDANÇAS NO ESPAÇO SOCIAL URBANO

Discutir sobre as diversas transformações urbano-espaciais na cidade de Uberlândia, visando compreender sua complexidade, é não se restringir apenas às questões de caráter material. Neste trabalho, busco recuperar e problematizar este momento, o período de 1980 a 2000, que foi tão peculiar à sociedade uberlandense. É interessante salientar que a dinâmica urbana foi incrementada com significativas mudanças no espaço social. No entanto, nessas mudanças, é perceptível a realimentação da representação de cidade progressista. Essa representação, presente na imprensa, porém não restrita a ela, serviu e ainda serve como justificativa para as diversas transformações.

Dentre as várias possibilidades de discussão, as que me parecem mais significativas, são as relacionadas com o ato de ir ao cinema. Para tal, adentraremos ao mundo envolto nas salas, percebendo como houve perdas e mudanças significativas do ato de ir ao cinema. O “valor de culto” e o ritual pertinentes às salas se perdem, e novas formas de *footing* são criadas e recriadas. Trata-se de perceber e compreender como essas transformações estão imbricadas numa teia de mudanças significativas, que alteraram um hábito e um costume já consagrados na cidade de Uberlândia, compreendendo-a como espaço e lugar de transformações das sociabilidades. Percorreremos, assim, as salas de cinema da cidade, suas estruturas e as finalidades que tiveram dentro de uma nova configuração social e a problematização do processo de construção de novas sensibilidades, estímulos e de um novo imaginário social.

Charney e Schwartz⁸⁵ analisam como o cinema transcende suas barreiras físicas, convergindo para si e tornando-se tônica de um movimento de transformações.

A ‘modernidade’, como expressão de mudanças na chamada experiência subjetiva ou como uma fórmula abreviada para amplas transformações sociais, econômicas e culturais, tem sido, em geral, compreendida por meio da história de algumas inovações talismânicas: o telégrafo e o telefone, a estrada de ferro e o automóvel, a fotografia e o cinema. Desses emblemas

⁸⁵ CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

da modernidade, nenhum personificou e ao mesmo tempo transcendeu esse período inicial com mais sucesso do que o cinema.⁸⁶

Ao tornar-se uma expressão vigorosa, o cinema foi um elemento preponderante, que congregou uma expressão fidedigna da modernidade justamente por reunir “uma variedade de novas formas de tecnologia, representação, espetáculo, distração, consumismo, efemeridade, mobilidade e entretenimento”.⁸⁷ Todos estes elementos agregam ao cinema uma posição privilegiada na vida moderna, que compactua, diretamente, com as transformações inatas a ela, principalmente no tocante às noções de espaço e tempo que se alteram significativamente. Essas noções serão desenvolvidas com mais acuidade.

Não há, dessa forma, como negar que o cinema torna-se uma técnica capaz de produzir um espetáculo e de atrair para seu entorno um grande público. Considerando que o cinema é também conhecido como a “sétima arte”, ele possui atributos inerentes a tal posto. O que faz do cinema uma arte? Quais são os elementos que o caracterizam neste patamar? São pontos ponderáveis que perpassam a discussão em torno do cinema e de suas contribuições sociais.

Nesse sentido, pensar a obra de arte como tal traz em si a necessidade de dialogar diretamente com Walter Benjamin⁸⁸, quando analisa os elementos fundantes e fundamentais à obra de arte. Primeiramente, esclarece a relação envolvente na obra, que se caracteriza por meio da conjunção de três elementos: aura, valor cultural e autenticidade. Pontos relevantes que permitem e dão o aval à obra, possibilitando ao observador distinguir entre uma reprodução ou não. Neste momento, cabe-nos apenas entender o que faz com que uma obra torne-se arte. Para isso, partindo diretamente do que ela não é mais, ou do que foi, é possível perceber a linha tênue que se estabelece entre obra e reprodução. “O que caracteriza a autenticidade de uma coisa é tudo aquilo que ela contém e é originalmente transmissível, desde sua duração material até seu poder de testemunho histórico”.⁸⁹

Segundo Benjamin, na época da reprodutibilidade técnica, há uma desvalorização de sua autenticidade, principalmente, no tocante à sua aura, uma vez que

⁸⁶ CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 17.

⁸⁷ Ibid., p. 18.

⁸⁸ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas reproduções técnica. In: _____. **Textos escolhidos**. Tradução de José Lino Grünnewald. São Paulo: Abril Cultura, 1983. p. 5-28. (Os Pensadores)

⁸⁹ Ibid., p. 8.

seu significado ultrapassa seus limites, levando-o a qualquer lugar devido ao “fenômeno de massa”. A “sensibilidade humana” modifica-se. A forma “de sentir e de perceber” a obra de arte individualizada e única perde-se. Com as técnicas de reprodução, especialmente, o cinema, a obra perde sua origem e sua raridade, assumindo uma nova configuração social. Sem contar o status honorífico e todo o glamour com o qual era apreciada em razão da sua autenticidade. Ao tentar aproximá-los, tornando-os mais acessíveis, perde-se sua aura e, conseqüentemente, seu ritual.

Sabe-se que as obras de arte mais antigas nasceram a serviço de um ritual, primeiro mágico, depois religioso. Então, trata-se de um fato de importância decisiva a perda necessária de sua aura, quando, na obra de arte, não resta mais nenhum vestígio de sua função ritualística [...] o valor de unicidade, típica da obra de arte autêntica, funda-se sobre esse ritual que, de início, foi o suporte do seu velho valor utilitário. Qualquer que seja o número de intermediários, essa ligação fundamental é ainda reconhecível – tal como um ritual secularizado – através do culto dedicado à beleza, mesmo sob as formas mais profanas.⁹⁰

O que antes era considerado um culto assume novas dimensões sociais e culturais. A percepção pauta-se sob novos valores, uma vez que se modifica a estrutura qualitativa da obra e, conseqüentemente, de seu admirador. O ritual torna-se obsoleto e sem a menor relevância, pois há uma diversidade e relatividade nos modos de perceber a obra de arte. Desta forma, é também considerar o cinema como uma técnica de reprodução. Como tal, perde sua aura de obra de arte. Neste sentido, é compreendê-lo também como espaço, como uma expressão de um lugar carregado de *glamour*, elegância e requinte, envolto em suas construções luxuosas, que possibilitavam um ritual peculiar praticado pelos seus freqüentadores.

O *glamour* ostentado pelos “palácios cinematográficos”, como eram conhecidos, exigia uma postura e uma indumentária inerentes ao luxo de suas salas e ante-salas. Ao adentrar os palácios, experimentava-se a sensação de participar de algo mágico. O escurinho das salas proporcionava, e ainda proporciona – porém de forma diferenciada –, reações e estímulos únicos àquele lugar. Essa aura reinante e esse ritual, igualmente, esvaíram-se no tempo.

Assim, inspirando-nos na análise de Benjamin, o cinema, ao enveredar nessa onda do “fenômeno de massa”, transporta-se a um novo patamar e perde o glamour e a ostentação inicial de seus tempos áureos. O ritual envolvente, que acompanhava o

⁹⁰ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas reproduções técnica. In: _____. **Textos escolhidos**. Tradução de José Lino Grünnewald. São Paulo: Abril Cultura, 1983. p. 10. (Os Pensadores)

adentrar aos “palácios cinematográficos”, perde sua aura para uma nova forma de expressão e de valor. As novas salas de cinema assumem uma nova configuração social e dispõem de um novo valor de culto. Um novo ritual é construído ante a reprodução técnica das novas salas de cinema. Muda-se, aparentemente, quase tudo em sua volta, na tentativa de abarcar um público cada vez maior.

2.1 – Um ritual que se perde

Por cinema, compreende-se tanto a expressão da arte cinematográfica, reconhecido como um meio de comunicação difundido em nossa sociedade, quanto pelo espaço onde essa arte se expressa. A invenção dos irmãos Lumière causou espanto em 1895, quando eles apresentaram, pela primeira vez, imagens em movimento. Essa técnica, desenvolvida e aperfeiçoada nos séculos XIX e XX, possibilitou uma mudança de concepção e de reação na sociedade, dada sua complexidade. Tal magnitude e esplendor, criados em torno do cinema, refletem sua onipresença em meio ao turbilhão de transformações sociais, econômicas e culturais da época. Sem contar a dimensão de espetáculo que circulava em torno das salas de projeção cinematográfica.

Assim, pensar o cinema e suas várias imbricações sociais requer pontuá-lo e reuni-lo numa tríade, que envolve técnica, arte e espaço, compreendida num movimento de experiências e de atrações do cinema para com seu público. Sua natureza reveladora abre caminhos para um mundo repleto de novas sensações, estímulos e impulsos, uma vez que nasce sobre os auspícios da modernidade.

As salas de cinema, compreendidas como um espaço, congregavam em seu entorno um estilo próprio. Ir ao cinema, em Uberlândia, assim como em outros lugares, era, reconhecidamente, um acontecimento social perceptível ao penetrar nos salões e nas sessões escurinhas dos cinemas. O “valor de culto” e a adoração que o ato de ir ao cinema possuía perdem-se em meio ao turbilhão das transformações sociais. Tal fato deve-se à percepção das salas de cinema como um espaço socialmente construído. Justamente por se constituírem como uma prática social consagrada pelos cidadãos, à medida que o espaço urbano muda, reorganiza-se, a partir dessa mudança, a própria prática estabelecida. Seu significado é construído ao longo de sua trajetória na cidade, imprimindo uma marca e uma história.

Buscar essa história e problematizá-la traz a necessidade de emaranhar em outros trabalhos já realizados a respeito do tema. Perceber na cidade como seus colaboradores e estudiosos criaram e criam uma imagem das salas e dos cinemas, recuperando uma forma e uma escrita peculiares do lugar.

Garcia⁹¹, ao elaborar um estudo sobre cinema em Uberlândia, trata-o “enquanto lazer” e busca “perceber a receptividade do povo uberlandense pela arte cinematográfica”. Percorre um período de 50 anos, no intento de retomar os “primeiros animatógrafos até as luxuosas salas de projeção da década de 50”.

Os animatógrafos antecedem aos Cinematógrafos e eram aparelhos adquiridos por alguns empresários da cidade e da região e que saiam pelas cidades circunvizinhas fazendo suas exibições de filmes da Empresa Radium[...] Numa época em que não havia rádios, ou formas diferenciadas de distração, o Cinema constitui-se numa das formas de lazer de maior sucesso durante o período que ia do início do século à década de 50.⁹²

A autora busca desvendar esse “mundo maravilhoso” concomitante com o período de ascensão do cinema no Brasil, localizando Uberlândia e suas salas dentro de um “cenário mais amplo”. Demonstra, por meio de sua análise, a preocupação que os grupos dirigentes de Uberlândia tinham com o cenário social, buscando sempre a inserção no “progresso”, assimilando as tecnologias em voga. O cinema, desta forma, tornara-se um dos elementos preponderantes para o discurso ufanista de progresso, uma vez que aliava técnica e novidade. Para Garcia, “o papel desempenhado pelo Cinema Local na vida social e cultural da população” era de suma importância para a cidade desde o início do século XX, quando Uberlândia se chamava Uberabinha⁹³.

Uma das constatações dessa afirmação “é a inauguração do primeiro Cinematógrafo em 1907”, que já forjava uma preferência local pela nova tecnologia. Havia, nesse momento um forte aliado: a imprensa; que se tornou um de seus maiores divulgadores e veiculadores, colaborando, direta ou indiretamente, para a preferência uberlandense. Sem contar que as apresentações continuaram, “em 1908 eram feitas projeções no pátio da casa do Sr. Firmino Gramma, no largo do mercado” onde ocorriam ao ar livre.

⁹¹ GARCIA, Renisia Cristina. **100 anos de cinema: o aspecto social da arte cinematográfica**. Uberlândia: Secretaria Municipal da Cultura, 1995. Esta obra foi realizada em parceria com a Divisão de Memória e Patrimônio Histórico juntamente com o Arquivo Público Municipal.

⁹² Ibid., p. 10.

⁹³ O trabalho de Garcia tem como interesse as implicações sociais dos encontros em torno das projeções cinematográficas no início do século passado. Não tem como intuito primordial as discussões acerca das questões envoltas dos meios de comunicação de massa.

Tais projeções eram conhecidas como apresentações (espetáculos), uma vez que os cinemas ainda não possuíam locais próprios – salas de cinema –, voltadas para esse fim, daí a necessidade de improvisar e procurar locais adequados que comportassem público e a apresentação. Qualquer lugar serviria de espaço para os animatógrafos, pois o público ainda não era exigente e a novidade das imagens atraía ainda mais os curiosos.

Sem dúvida, com o passar do tempo, o cinema ganhou espaço e reconhecimento na sociedade uberlandense, assumindo um lugar próprio. Pinto⁹⁴ acredita que as circunstâncias sociais e políticas convergiam para o cinema como “local onde as transformações sociais ganhavam maior visibilidade”. Embasado no discurso da imprensa, o autor percebe o cinema surgindo como um lugar de diversas apropriações “para os mais variados acontecimentos”, servindo de palco tanto para a política como para a cultura.

Desta forma,

Os cinemas representavam, para a sociedade uberlandense lato sensu, um motivo de orgulho, por serem locais privilegiados de entretenimento e sociabilidade, que podem ser analisados de acordo com o chamado campo das ‘estruturas sócio-afetivas’ – as sensibilidades, os sentimentos e as paixões.⁹⁵

Deixa claro que o cinema tornara-se uma atração principal e fundamental para a cidade, justamente por oferecer-se como possibilidade de acontecimento social. As salas de cinema assumiam na paisagem urbana um lugar imponente, muitas vezes, em função de sua arquitetura de sua grandiloquência.⁹⁶

A partir dos primeiros cinematógrafos e de suas apresentações, ia-se desenhando e trilhando o caminho que daria à cidade de Uberlândia sua primeira sala de cinema em 1909: o “Cine Theatro São Pedro”, de propriedade de Custódio Pereira. Inaugurado “[...] em um prédio próprio, com pilastras em estilo grego, e um ‘grande palco’, com 500 cadeiras, camarotes laterais e um bar ao lado, que vendia café, pastel e até uma ‘Antártica fria’, pois ainda não havia gelo”.⁹⁷

⁹⁴ PINTO, Luziano Macedo. **Situações de cinema:** tramas e imagens de sociabilidade – Uberlândia 30 a 50. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

⁹⁵ Ibid., f. 36.

⁹⁶ Pinto, em seu trabalho, problematiza as relações sociais na cidade de Uberlândia, no período de 1930 a 1950. Em sua abordagem, prioriza o cinema como local privilegiado das sociabilidades exercidas. Não desconsidera outros locais como clubes, restaurantes, cassinos, parques, salões. No entanto, para o autor, os cinemas configuravam-se de maneira mais significativa para a sociedade local.

⁹⁷ PINTO, 2001, op. cit., f. 43.

Podemos perceber, na imagem a seguir, escondidas em sua rudeza e precariedade, características da época, as estruturas e a suntuosidade da fachada em busca de um requinte. Mesmo assim e, apesar disto, insinuava-se como um grande cinema, onipresente e preponderante, iniciando um período majestoso para as salas de cinema na cidade.

Segundo Pinto, o Cine Theatro São Pedro:

Quanto ao estilo arquitetônico, trazia em sua composição elementos ligados à arquitetura clássica e colonial, como as pilastras, o frontão e as sobrevergas e cornija, com um telhado que se aproxima do colonial, com os lambrequins e a fachada com alguns ornamentos clássicos (emblema/medalhão) [...] embora esse cinema fosse bastante simples em sua edificação, uma vez que não tinha sequer um forro, encontramos toda uma preocupação com a decoração.⁹⁸

⁹⁸ PINTO, Luziano Macedo. **Situações de cinema**: tramas e imagens de sociabilidade – Uberlândia 30 a 50. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001, f. 45.



FIGURA 11: Fachada do Cine Theatro São Pedro, em 1909.
Fonte: Foto da coleção Osvaldo Naghetini nº 1156 – Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

A partir dessa grande inauguração, Custódio Pereira passava a ser o “pioneiro do cinema em Uberlândia”, abrindo espaço para, mais tarde, configurar-se a “Cinelândia” uberlandense, ganhando legitimidade e, principalmente, público para o entorno do cinema. Num misto de lazer e técnica, a sétima arte ia encantando e cativando seus freqüentadores, formando um hábito social.

Nessa perspectiva, a onda de inauguração de salas de cinema, durante um período de quase 50 anos, ia aumentando na proporção que o cinema tornava-se um espetáculo majestoso e luxuoso. O frenesi cinematográfico do começo do século XX não é exclusividade de Uberlândia. Um expoente revelador é a capital mineira, Belo Horizonte, que também acompanhava as tendências mundiais e nacionais do cinema, inserindo-se nessa onda de transformações sociais, econômicas e culturais da sociedade. Haja vista que o cinema moldava-se perfeitamente às mudanças desse período e se adaptava ao novo ambiente.

As análises de Machado⁹⁹, a respeito da capital mineira e de suas mudanças sociais a partir do cinema, na década de 1920, permite-nos compreender como o cinema foi um catalisador na disputa entre o tradicional e o moderno. Como “conciliou e aguçou os estímulos do mundo moderno”, entendendo-o mediante seu aspecto social. Sua inserção na sociedade ganhava expressão e impulso, legitimando um espaço e um público que simpatizava com a nova tecnologia. O público acolheu o cinema e tudo o que este representava em termos de velocidade e mudanças.

E nesta busca por compreender, se identificar e participar dessa modernidade encontra um aliado para se compreender esse novo mundo: o cinema [...] O cinema, esta nova modalidade de diversão, passa a atrair a atenção das pessoas, a levar multidões às salas escuras, a se moldar e moldar esse público.¹⁰⁰

Dessa forma, o cinema formava um hábito nos moradores da capital. Proporcionando, nesse espaço inédito, lazer, entretenimento e convívio. A aura reinante neste espaço produzia uma simpatia e magia envolvente, tornando-se, segundo Machado, “uma verdadeira mania”. “O cinema poderia ser visto como símbolo do novo,

⁹⁹ MACHADO, Fabiana Moraes. **Entre caboclas e thedas baras**: a tradição e a modernidade a partir do cinema na década de 20 na jovem capital mineira. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

¹⁰⁰ Ibid., f. 33.

que o traduz e torna visível a possibilidade de conciliação entre tradição e modernidade”.¹⁰¹

A disputa entre o novo e o velho é despertada principalmente pela modernidade, uma vez que instaura mudanças significativas na sociedade e tem elementos preponderantes que atuam como seus agentes mais diretos. O cinema convertia-se numa expressão da modernidade e das transformações acarretadas na vida, na produção e na circulação. Para Gunning,¹⁰² a modernidade atinge todos os setores sociais, econômicos, políticos e culturais e, sobretudo, as mudanças perceptíveis às experiências humanas. Para o autor, há uma nova organização do cenário social baseado em novos princípios de circulação, mudando enfaticamente a noção de tempo e espaço.

Em todos esses novos sistemas de circulação, delineia-se o drama da modernidade: um colapso das experiências anteriores de espaço e de tempo por meio da velocidade; uma extensão do poder e da produtividade do corpo humano e a conseqüente transformação deste por meio de novos limiares de demanda e perigo, criando novas formas de disciplina e regulação corporais com base em uma nova observação (e conhecimento) do corpo.¹⁰³

Essas transformações afetam diretamente a “experiência do corpo e da percepção do ser humano”, moldando novas noções que modificam pilares consagrados. Assim, “o cinema instala-se nessa rede de circulação como tecnologia e indústria e também como uma nova forma de experiência”. Essa nova experiência altera valores e significados cristalizados, mudando as concepções de tradição e incorporando novas. As experiências vão sendo modificadas, à medida que os seres humanos vão se adequando a um novo modo de vida.

O universo do cinema, assim como a modernidade, inaugura comportamentos, hábitos e sociabilidades. Acompanha um ritmo intenso de transformações nas quais a sociedade como tal também assume novos horizontes. Modifica as situações cotidianas, alterando o lazer e, conseqüentemente, forjando um público e um comportamento condizentes ao seu espaço. Espaço este criado com a finalidade de dar vazão a uma “visibilidade” e às manifestações sociais, pois a dinâmica social de lazer pauta-se sob novos referenciais.

¹⁰¹ MACHADO, Fabiana Moraes. **Entre caboclas e thedas baras**: a tradição e a modernidade a partir do cinema na década de 20 na jovem capital mineira. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005, p. 37.

¹⁰² GUNNING, Tom. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 33-65.

¹⁰³ Ibid., p. 34.